

Saúde

### Gripe A: a polêmica da vacinação

Por questões ideológicas, muitas pessoas preferem não ser imunizadas contra o vírus H1N1. Os gastos do governo com a campanha se justificam ou são mesmo desnecessários?

página 5

### Luciano Martins: de publicitário a artista plástico



O artista plástico gaúcho, "naturalizado" catarinense fala sobre a mudança de endereço e de profissão. Ele conta como foi o início tardio de sua carreira, as exposições internacionais, a relação com Florianópolis, seu estilo figurativo-pop-lúdico e ainda revela seus projetos futuros. Luciano pretende criar uma escola de artes para crianças e escrever um livro sobre sua história.

página 14

C&T

### Sustentabilidade e inovação na UFSC

Pesquisadores criam projetos com energias renováveis e ganham reconhecimento nacional. Apesar dos custos elevados, alternativas são necessárias para a preservação do meio ambiente.

páginas 6 e 7



# ZERO

FLORIANÓPOLIS, MAIO DE 2010 - CURSO DE JORNALISMO ANO XXVIII, NÚMERO 2

## Participação popular limitada

Yuri Gama



Manifestação durante tentativa de apresentação do Plano Diretor elaborado pelo Instituto Cepa, no Teatro Álvaro de Carvalho, acaba se tornando plenária popular

Depois de quatro anos de discussões na comunidade, o Plano Diretor de Florianópolis é elaborado por um instituto contratado pela Prefeitura. O argumento de tratar-se de uma fase técnica foi utilizado para romper os canais de participação popular. Foram realizadas apenas audiências de apresentação nessa nova etapa, uma delas impedida por manifestações. O anteprojeto, que não tem previsão de envio à Câmara de Vereadores, deve ser discutido em dez regiões da cidade por uma comissão encabeçada pelo Secretário de Educação. Várias entidades pedem a volta dos núcleos de deliberação estabelecidos em 2006. A discussão de um projeto de lei que pretende normatizar a utilização de todos os espaços da cidade envolve interesses dos mais diversos e deixa muitas questões em aberto, como a escolha entre desenvolver ou preservar.

páginas 8 e 9

### Pulseirinhas do sexo: proibir é mesmo a solução?



A moda pode ser passageira, mas o fenômeno que invade as escolas brasileiras disfarçado de brincadeira traz à tona a precocidade dos adolescentes. Revela problemas que não podem ser resolvidos simplesmente com a proibição do uso do acessório, como a ineficiência de pais e professores em enfrentar o assunto sem rodeios.

página 12

Sociedade

### Brasil não possui lei de criminalização da homofobia

Projeto de lei está em tramitação no Senado, mas enfrenta demora na aprovação devido às pressões de grupos religiosos dentro do Congresso e do Senado.

página 10

Esporte

### Dia de clássico para o plantonista esportivo Luiz Gonzaga

A rotina do profissional que fica na retaguarda das transmissões não se restringe ao jogo em destaque. O trabalho exige concentração e rende até 13 horas de jornada.

página 15

## O UNIVERSITÁRIO 50 anos em 5



### 1. O quê?

A Universidade Federal de Santa Catarina comemora em 2010 seus 50 anos de existência e, para festejar a data, alunos do curso de Educação Física promovem a Ginca UFSC 50 anos em 5. O nome do evento lembra o plano de metas de Juscelino Kubitschek. A realização da ginca surgiu por indicação da Comissão Organizadora dos 50 anos da UFSC e faz referência à trajetória da universidade.

### 2. Quem?

Os alunos da 5ª fase do curso de Bacharelado em Educação Física da UFSC organizam e promovem essa ginca. Os 26 acadêmicos da disciplina de Planejamento e Organização de Eventos, do Curso de Educação Física, foram orientados pelo professor Valmir José Oleas e pela graduanda Juliana Krummenauer. Essa galera suou a camisa para garantir o sucesso das comemorações da UFSC.

### 3. Quando?

De 13 a 19 de maio. Na quinta-feira, dia 13, será feita a abertura; no dia 14, sexta-feira, haverá o concurso de dança. A caça ao tesouro e a ginca cultural ocorrem no sábado, 15. No dia 18, terça-feira, tem os jogos sedentários e os jogos eletrônicos e, logo após, haverá a festa de encerramento. No dia 19 tem ainda o desafio intelectual.

### 4. Onde?

No Centro de Cultura e Eventos acontecem a abertura e a competição de dança. No campo de futebol do CDS, a ginca cultural. Na concha acústica, a caça ao tesouro. No ginásio 1 do CDS haverá os jogos sedentários e eletrônicos, o desafio intelectual e o encerramento.

### 5. Por quê?

Para comemorar o quinquagésimo aniversário da Universidade Federal de Santa Catarina ao lado da comunidade acadêmica e da sociedade em geral, a fim de ampliar o conhecimento sobre a UFSC. Há 50 anos surgia esse lugar de excelência na formação de pesquisadores, professores e profissionais que contribuem para o desenvolvimento do estado.

## EDITORIAL

# Jornalismo e pressão alta

No lançamento da campanha contra a hipertensão, o ministro José Gomes Temporão recomendou aos brasileiros fazer mais sexo, de preferência cinco vezes ao dia, ou melhor, cinco vezes por semana. O que foi dito em tom de brincadeira ganhou as manchetes dos principais jornais do país e virou assunto nas mais distintas rodas de conversa — desde o bar até a redação do ZERO. Sim, porque jornalista também sofre de pressão alta.

Aliás, muito antes dos cardiologistas alertarem sobre os riscos do estresse no trabalho, os profissionais que levam a você, leitor, as notícias diárias, já estavam com a saúde no sinal vermelho há muito tempo. Isso porque, para a gente fazer um trabalho interessante, atual, inovador, útil e em tempo hábil, muitas vezes acabamos por cometer excessos, tais como noites sem sono, almoços em forma de sanduíche, má postura em frente ao computador.

“Mas o ZERO não é apenas um jornal laboratório?”, você deve estar pensando. Não deve ser assim tão estressante sua produção. Bem, diga isso aos mais de 30 responsáveis pelo trabalho — entre repórteres, editores, diagramadores e professores — e eles, talvez irritados com a colocação, nem respondam. Mas o fato é que a combinação de inexperiência e ansiedade pela

primeira publicação de peso com o acúmulo de outros trabalhos acadêmicos atribuídos aos alunos que compõem a redação, torna cada edição uma dura batalha. E, como você pode ler nas matérias a seguir, vencemos mais uma.

Sim, em cima da hora fechamos esta edição, e é com imensa satisfação que a levamos ao meio acadêmico e à comunidade. Certamente todos vão se deliciar com as reportagens feitas com carinho, cuidado e seriedade. O repórter Felipe Sato mostra porquê tem tanta gente com receio da vacina contra o vírus H1N1; Cinthia editou o texto da Anna Bárbara, que apresenta os conflitos do plano diretor participativo de Florianópolis; a Alessandra fez uma reportagem imperdível sobre energias renováveis. Esta edição tem isso tudo e muito mais, é só folhear e aproveitar!

Para nós, ver o ZERO impresso, bonito e cheiroso é um prazer tão grande que faz a pressão da equipe se estabilizar. Quem sabe, no próximo lançamento de campanha contra a pressão alta, a gente envie para o ministro Temporão alguns exemplares. Aí provavelmente ele vai dizer que, além de sexo cinco vezes por semana, para estabilizar a pressão nada como ler um bom jornal laboratório antes de ir pra cama (dormir, é claro!).

## CHARGE



### Sobre o chargista

Rodrigo Silveira da Silva tem 24 anos, é estudante de Design Gráfico da Udesc e trabalha como *freelancer* em Web Design. Para entrar em contato com o autor escreva para o e-mail [rodrigopistacerta@hotmail.com](mailto:rodrigopistacerta@hotmail.com).

### Para os chargistas

Se você é daqueles que quando lê uma notícia logo a imagina numa charge, desenhe para o ZERO e envie para [zero@cce.ufsc.br](mailto:zero@cce.ufsc.br). Sua charge pode ser publicada nesse espaço e fazer parte das próximas edições do jornal.

\*\*\*\*\*  
**ZERO**

### JORNAL LABORATÓRIO ZERO

Ano XXVIII - Nº 2 - Maio de 2010  
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC  
Fechamento: 10 de maio

Curso de Jornalismo - CCE - UFSC - Trindade  
Florianópolis - CEP 88040-900  
Tel.: (48) 3721-6599/3721-9490  
Site: [www.zero.ufsc.br](http://www.zero.ufsc.br)  
E-mail: [zero@cce.ufsc.br](mailto:zero@cce.ufsc.br)

**REDAÇÃO** Alessandra Lopes Flores, Ana Clara Montez, Anna Bárbara Medeiros, Bruno Volpato, Daniela Ferreira, Fábio Queiroz, Felipe Machado, Felipe Sato, Marcone Tavella, Natália Izidoro, Verônica Lemus  
**EDIÇÃO** Capa Maria Luiza Gil **Opinião** Rafael Balbinotti **Debates** Nathalia Vieira Carlesso **Economia** Luiza Fregapani Silva **Saúde** Marina Martini Lopes **Ciência e Tecnologia** Jacqueline de Carvalho Moreno **Especial** Cinthia Raasch **Comportamento** Rayani Santos **Sociedade** Maria Luiza Gil **Educação** Mariana Porto **Cultura** Fernanda Burigo e Larissa Cabral **Esporte** Leonardo Gorges **Contracapa** Dael Limaco **Imagem** Maria Luiza Gil **FOTOGRAFIA** Felipe Machado, Marcone Tavella, Mariana Porto, Thomas Michel **EDITORAÇÃO** Cinthia Raasch, Cláudia Mussi, Felipe Machado, Ferrianda Burigo, Jacqueline de Carvalho Moreno, Joice Balboa, Luiza Fregapani, Marcone Tavella, Maria Luiza Gil, Mariana Porto, Marina Martini Lopes, Natália Izidoro, Nathalia Ethel Fragnani, Nathalia Vieira Carlesso **INFOGRAFIA** Joice Balboa, Maria Luiza Gil, Rogério Moreira Júnior **PROFESSOR-COORDENADOR** Jorge Kanehide Ijuim MTb/SP 14.543 **COORDENAÇÃO GRÁFICA** Sandro Lauri Galarça MTb/RS 8357 **MONITORIA** Gabriela Cabral, Juliana Passos **APOIO PEDAGÓGICO** Gabrielle Bittelbrun **IMPRESSÃO** Diário Catarinense **CIRCULAÇÃO** Nacional **TIRAGEM** 5.000 exemplares

\*\*\*\*\*

Melhor Peça Gráfica I, II, III, IV, V e XI Set Universitário / PUC-RS (1988, 89, 90, 91, 92 e 98)  
Melhor Jornal-Laboratório no I Prêmio Foca-Sindicato dos Jornalistas de SC 2000  
3º melhor Jornal-Laboratório do Brasil EXPOCOM 1994

## ZERO NO TEMPO

**ZERO**  
Florianópolis, Dezembro de 1989

**ENFIM,  
DEMOCRACIA  
PLENA**

Sete páginas refletem o tema dominante no país após 29 anos de espera: as eleições presidenciais.

O ZERO sempre foi um feroz defensor da democracia. Há 21 anos, em 1989, era com entusiasmo que a chamada de capa fazia referência ao retorno das eleições diretas presidenciais, direito ceifado durante os anos da ditadura militar. As páginas daquela edição tratavam da esperança de um novo Brasil, democrático, plural, mais justo.

Os anos que se seguiram, no entanto, foram de profunda decepção, com uma dura sequência de governantes que não corresponderam a tais expectativas. A ANJ (Associação Nacional dos Jornais), no entanto, nunca havia declarado abertamente uma posição político-ideológica, mesmo no caso do *impeachment* de Collor. Essa aparente isenção, agora parece ter caído por terra.

Em entrevista ao jornal O Globo, a presidente da ANJ, Maria Judith Brito afirmou que a grande imprensa faz mesmo oposição ao governo: “Obviamente, esses meios de comunicação estão fazendo de fato a posição oposicionista deste país, já que a oposição está profundamente fragilizada.”

Se a oposição está frágil, então é porque lhe falta competência para sua tarefa, mas não é por isso que jornais importantes devem dar apoio a candidaturas. O jornalismo deve cobrir os fatos com responsabilidade e isenção, senão vira mero discurso.

É função da imprensa em país livre e democrático apontar falhas dos governantes, denunciar atos de corrupção; mas fazer campanha política, definitivamente não! Cai-se, com o comprometimento declarado a partidos e correntes políticas, num erro. Afinal, como denunciar atos inescrupulosos daqueles a quem se apoia? Perde-se, com isso, um dos maiores valores do jornalismo: credibilidade.

# De olhos atentos para a economia

O Brasil aparece na imprensa internacional como aposta de crescimento econômico, mas a ideia não é unânime

O Brasil está em alta. É o que podemos constatar ao acompanhar diversas publicações da mídia internacional: o país que antes aparecia esporadicamente nas páginas esportivas e turísticas agora é pauta frequente na seção de economia. Em novembro do ano passado, a capa da revista britânica *The*

*Economist* estampou a chamada "Brazil takes off" (em português, o Brasil decola), acompanhada da imagem do Cristo Redentor que, transformada em foguete, é impulsionado para os céus. O *The New York Times* apontou a economia brasileira entre suas "10 melhores apostas para 2010" e, para não faltar

exemplos, o jornal americano *The Wall Street Journal* se referiu ao Brasil em sua edição de março deste ano como "o país do futuro".

Para quem está inserido no cotidiano da economia é difícil perceber essa "mudança de rumo" tão comentada nas notícias internacionais e se

posicionar diante dela. Taxas de juros, crescimento econômico e índices de inflação podem ser difíceis de interpretar quando são analisados fora de contexto. Pensando em facilitar esse desafio, o ZERO convidou dois professores do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Ca-

tarina (UFSC) para discutir a respeito da política econômica adotada no Brasil nas últimas décadas e articular sua opinião sobre os resultados apresentados pela nação verde e amarela.

Nathalia Carlesso

nathaliavcarlesso@gmail.com

Nathalia Carlesso

## Novo padrão brasileiro

**Crescer é ruim?** Muitos economistas, para não dizer a maioria, defendem que a expansão da economia como efeito do crescimento da renda (aumentando a demanda por consumo ou o déficit público) necessariamente provoca inflação, portando, o crescimento deve ser controlado. Tal conclusão não é verdadeira, pois a inflação aumenta por vários motivos, não apenas pelo aumento da demanda provocada pelo crescimento. Crescer é uma necessidade social

porque a população aumenta e precisa ingressar no mercado de trabalho.

**Aumentar a taxa de juros é bom?** Estes mesmos economistas defendem também que a única resposta possível às situações de crescimento da inflação é aumentar a taxa de juros. Dessa forma, o aumento da taxa de juros é bom, porque restringe o crescimento e pode reduzir a inflação. Isso também não é verdade, pois a elevação dessa taxa desestimula os investimentos e, em condições de abertura financeira e de câmbio flutuante (como é o nosso caso, no qual a taxa de câmbio é determinada pela oferta e demanda de moeda estrangeira no mercado cambial) atrai capital externo de curto prazo que sobrevaloriza a moeda interna, estimulando as importações e desestimulando as exportações, além de aumentar a dívida pública interna (como ocorreu nos primeiros anos do plano Real). Em todos os dois casos não cria capacidade produtiva, que é o que gera emprego. A taxa de juro é, portanto, apenas um dos instrumentos de política monetária, cuja diminuição ou aumento depende de inúmeras outras variáveis macroeconômicas.

**Distribuir renda é bom?** Neste ponto todos estão de acordo, mas divergem quanto a forma de fazê-la. Uns defendem que só a educação melhora o capital humano e o mercado proporciona o mecanismo de ajuste, outros defendem que ações positivas de curto prazo focalizadas são fundamentais (agenda positiva) para melhorar a qualidade de vida no lugar das falhas nos mecanismos de mercado.

Posicionando-se frente a essas três perguntas não é difícil concluir o acerto das políticas atuais que diminuíram os juros (ainda não em uma taxa razoável) que estimularam o crescimento (em ritmo crescente, mas ainda modesto) e provocaram melhora nos índices sociais e de distribuição de renda.

Dois aspectos importantes devem ser lembrados. O primeiro diz respeito aos estímulos para o investimento privado por dois movimentos: um realizando os investimentos públicos que são fundamentais para "puxar" os investimentos privados – principalmente o PAC, ainda em andamento; e o outro é a manutenção das condições macroeconômicas que asseguram a estabilidade monetária e econômica como um todo. Refiro-me aqui ao controle da dívida pública e a adequabilidade da política cambial,

cujo resultado pode-se observar pela capacidade de evitar reflexos internos da recente crise financeira internacional, que poderiam ter sido devastadores. O segundo aspecto é o esforço para realizar políticas que o neoliberalismo havia abandonado, quais sejam: retomar os investimentos em educação. Enfatizo a educação superior, cujos resultados, ao menos no curto prazo, já são visíveis na comunidade universitária. Lembro das políticas que estimulam a capacidade tecnológica do país, a ampliação dos fundos setoriais para investimento em pesquisa e os estímulos para inovação aos setores privados.

São indícios claros que, além de um controle adequado – mas ainda inicial – de boas condições macroeconômicas de crescimento, a retomada das políticas de competitividade, de ampliação da participação no mercado mundial e políticas sociais, estão em andamento. Como se percebe, são movimentos que, mais do que asseguram a estabilidade monetária e as condições macroeconômicas, podem indicar claramente a formação de um novo padrão de desenvolvimento para o país. Padrão no qual se poderá combinar estabilidade macroeconômica, crescimento e distribuição de renda: um velho sonho dos brasileiros, tanto dos que viveram os anos desenvolvimentistas quanto dos filhos da crise dos anos 80, ou caras pintadas, que estão procurando construir suas esperanças.



Renato Ramos Campos

Doutor em Economia pela UNICAMP

## Uma falsa decolagem

De repente, o Brasil tornou-se a nova sensação dos grandes "emergentes". Sua indigente e menosprezada economia das duas décadas perdidas – quando ficou aparentemente estancada nos anos 1980 e 1990 – nos últimos dois ou três anos foi alçada pelos capitalistas de todo o mundo para o topo das economias mais lucrativas e cortejadas do mercado mundial.

Como o país está realizando esse novo milagre econômico? Para a mídia especializada internacional é muito simples: austeridade fiscal no lado de dentro e abertura para o capital externo no lado de fora. Nada mais liberal. Mas será que as coisas são tão simples assim? Um pouco de dúvida não vai fazer mal a ninguém.

É claro que não se pode fazer aqui uma demonstração mais completa dos fatores econômicos que determinaram essa recuperação econômica e repentina credibilidade da economia brasileira. Efêmera recuperação. Mas o assunto principal é essa história mal contada que o Brasil caminha celeremente para tornar-se nova potência econômica. Algumas rápidas menções da boa teoria do desenvolvimento econômico podem ajudar o leitor a pensar por si mesmo acerca do assunto.

A primeira regra teórica (facilmente verificável na prática) é não confundir crescimento econômico com desenvolvimento econômico. Crescimento econômico diz respeito à quantidade de mercadorias produzidas e dos lucros dos capitalistas. Só isso. Nos "grandes emergentes" do BRICS – sigla para o grupo formado por Brasil, Rússia, Índia e China – o tamanho do Produto Interno Bruto (PIB), que mede o crescimento econômico, pode realmente ultrapassar o de grandes potências mundiais. Mas quer dizer que isso transforma esses "emergentes" em novas potências econômicas? Absolutamente. Isso pode até aumentar ainda mais sua dependência do capital internacional centralizado nos grandes bancos dos EUA, Europa e Japão e concentrado nas grandes empresas globais.

Para ser potência econômica de verdade tem que se promover o desenvolvimento econômico, o que diz respeito à qualidade da produção nacional. Pode-se dizer que uma economia nacional é uma potência mundial, por maior que seja seu PIB, se ela não tem uma moeda nacional conversível no mercado internacional de divisas? É o caso dos BRICS. São grandes economias que não têm "moedas fortes". Isso é uma deficiência genética (portanto insuperável) muito grave. Assim, os "emergentes" continuam a depender de grandes estoques de reservas internacionais (dólar, euro e iene) para escorar suas moedas nacionais, vulneráveis a crises cambiais e fugas de capitais.

De que valem grandes volumes de exportação se elas se baseiam principalmente em matérias primas rapidamente esgotáveis ou em salários de fome na indústria exportadora? As exportações dos BRICS aumentam sem parar, mas não têm nenhuma qualidade. De que valem as crescentes exportações de pequenos aviões pela Embraer se mais de noventa por cento de cada aparelho é montado com importação dos EUA e Europa, como turbinas, equipamentos, eletrônicos e insumos em geral?

Os BRICS não produzem, eles apenas montam mercadorias para exportação. Essa é uma realidade do desenvolvimento desigual e combinado do mercado mundial. Essa é outra deficiência genética muito grave para quem se candidata a potência econômica. Para se passar de montadora para produtora haveria de se possuir uma enorme capacidade de desenvolvimento científico e tecnológico nacional, como ocorreu historicamente nos EUA, Europa e Japão. Ao invés de avançar neste caminho, os BRICS estão em rápido retrocesso. Sem autonomia científica e tecnológica o crescimento econômico de um país só serve para aumentar os lucros do capital global. Nada mais.

Fica agora com nossos leitores a tarefa de pensar por si mesmos e continuar listando outras inúmeras necessidades de mudanças estruturais para que uma economia nacional deixe de ser dominada e faça parte do fechadíssimo clube das potências econômicas. Para que ninguém aceite sem pensar a ilusão de uma falsa decolagem.

Nathalia Carlesso



José Antônio Martins

Doutor em Economia pela Universidade de Paris I

**“Esse novo padrão poderá combinar estabilidade e crescimento”**

**“Não devemos confundir crescimento com desenvolvimento econômico”**

# Profissional antes do fim da faculdade

Participação em empresas juniores é uma oportunidade de conhecer o mercado de trabalho durante a graduação

Era o ano de 1967 e o movimento estudantil fervia na França. Os alunos da Essec (L'Ecole Supérieure des Sciences Economiques et Commerciales de Paris) decidem reunir-se para buscar formas de se preparar para o mercado de trabalho que fossem além do ensino acadêmico. É criada, então, a primeira Empresa Júnior, a Junior Enterprise. A associação prestava serviços ao mercado e colocava os alunos em contato com a vivência empresarial. Apesar de ter como objetivo principal complementar a capacitação dos alunos, a empresa surpreendeu, atingindo o faturamento de US\$ 19 milhões já no seu primeiro ano de funcionamento. A ideia difundiu-se rapidamente e, em 1969, a França já tinha uma confederação nacional de empresas juniores. No Brasil, o Movimento Empresa Júnior só chegou durante a década de 80, como iniciativa da Câmara de Comércio Franco-Brasileira. Foram então fundadas as três primeiras do país: EJ-FGV (vinculada à Fundação Getúlio Vargas), a Júnior FAAP e a Júnior Poli Estudos.

A Empresa Júnior (EJ) é constituída e gerida por alunos de cursos de graduação de uma faculdade ou universidade, na qual está inserida. Os acadêmicos desenvolvem os projetos para o mercado, sob orientação de professores, e ocupam cargos nas áreas de presidência, diretoria e gerência – como em uma empresa convencional. De acordo com Mariana Marrara Vitarelli, presidente da Federação das Empresas Juniores de Santa Catarina (FEJESC), “a verdadeira finalidade é enriquecer o aprendizado do estudante, com uma experiência profissional em sua área de atuação. Por isso, elas não têm fins econômicos e prestam serviços a um preço muito abaixo do mercado”.

Hoje o Brasil conta com cerca de 750 Empresas Juniores, envolvendo mais de 23 mil universitários. O movimento nacional é capitaneado pela Brasil Júnior



Tainá Crestani, Henrique Clasen e Vitor Kanitz, membros da Ação Junior, empresa da UFSC que presta consultorias na área sócio-econômica

– Confederação Brasileira de Empresas Juniores, formada por oito federações, que representam sete estados mais o Distrito Federal. Mariana conta que, em geral, os projetos são voltados às micro e pequenas empresas. “No entanto, não é uniforme, existem EJs que fazem projetos a médias e grandes empresas.”

## Movimento Empresa Júnior na UFSC

A UFSC é uma das entidades que conta com serviços de suas empresas juniores para consultorias de projetos desenvolvidos na universidade. A Empresa Júnior de Engenharia Sanitária (Esejam) fez consultorias para o Hospital Universitário na questão de resíduos hospitalares, enquanto a Empresa Júnior de Produção (Ejep), vinculada ao curso de Engenharia da Produção, já realizou seis consultorias para a

melhoria do Restaurante Universitário (RU). A última recebeu o prêmio de Melhor Case de Projeto Externo no Encontro Nacional de Empresas Juniores de 2009 (Enej), e vai ser apresentada no Encontro Sul de Empresários Juniores (Esej) que será realizado de 6 a 9 de maio em Gramado (RS). A diretora do RU, Deise de Oliveira Rita, conta que foram realizadas muitas reuniões e vários contatos com a Empresa Júnior, o que a deixou muito segura. “Todos os envolvidos são muito detalhistas e preocupados, comprometidos, e a atuação deles é altamente profissional, mesmo tratando-se de acadêmicos”. Ela conta que a interação continua após a entrega do projeto. “Eles vieram fazer uma avaliação, a fim de levantar os pontos positivos e negativos da consultoria do ponto de vista do cliente.” Outras EJs

que também já prestaram serviços à UFSC são a Ação Júnior e a Nutri Júnior, empresas de consultoria nas áreas sócio-econômica e de nutrição, respectivamente.

Para Mariana, contratar uma EJ é uma alternativa interessante para muitas empresas e entidades. “Os serviços são realizados por consultores capacitados pela empresa e orientados por professores, proporcionando ao cliente um serviço de qualidade em tempo hábil e de forma socialmente responsável.” O preço também é um chamariz importante. “Como não se tem custos fixos como mão de obra, telefone, aluguel, os preços são calculados com base nas despesas de cada consultoria. O rendimento é investido em infraestrutura e na capacitação de seus membros”, completa.

## Diferencial

Os estudantes que atuam em uma empresa Júnior são voluntários ou estagiários. Sua intenção é conhecer o mercado de trabalho antes de sair da faculdade e aprimorar determinadas habilidades, como a capacidade de trabalhar em grupo, a negociação com o cliente, a oratória e o empreendedorismo. Muitos terão seus próprios negócios e aproveitam o período acadêmico para conhecer bem o mercado em que vão atuar.

Para a acadêmica Kamila Alves de Oliveira, atual diretora de Projetos da EJEP, “o Movimento Empresa Júnior não forma somente empreendedores, mas cidadãos que desejam mudar a sociedade e, conseqüentemente, o Brasil.” Kamila comenta que sua participação no movimento superou suas expectativas. “Você tem um crescimento pessoal e profissional enorme e começa a acreditar que é possível causar impacto positivo na sociedade.” Além disso, a vivência no meio empresarial prepara para o mercado de trabalho de uma forma que mesmo um estágio não propicia. “Meu grau de liberdade e de responsabilidade é muito maior do que se eu fosse estagiária em uma empresa comum.”

Uma das preocupações do conceito é preservar a imagem das EJs perante à sociedade. Entre os critérios éticos fica definido, por exemplo, que não pode ser objetivo da empresa captar recursos financeiros para a universidade ou para os alunos integrantes ou realizar aplicações financeiras com fins de acumulação de capital. Também existe a preocupação de evitar que faculdades montem apenas com a finalidade de promover seus cursos.

Daniela Fernandes  
danihfer@gmail.com

## Mudanças no RU: conheça as melhorias resultantes da consultoria

O serviço prestado pela Ejep para o Restaurante Universitário da UFSC é um exemplo de parceria bem sucedida entre universidade e Empresas Juniores. Pode-se dizer que o RU é um cliente frequente da Ejep. A primeira consultoria prestada ocorreu em 2003, e era uma resposta da UFSC às queixas dos estudantes com relação aos ruídos, desconforto e temperatura ambiente do restaurante. O layout da cozinha e do refeitório foi modificado e foram trocados os assentos e as mesas, levando em consideração aspectos ergonômicos.

Em 2005 foi necessário um novo trabalho, pois a demanda havia aumentado muito com a criação de novos cursos e o restaurante servia mais de 3 mil refeições diárias. A espera nas

filas chegava a 35 minutos. O desafio dos consultores foi buscar soluções emergenciais e de fácil aplicação. A disposição das mesas, cadeiras e do buffet de self-service foi otimizada a partir de uma análise sobre o tempo de espera nas filas, e o resultado foi o aumento de 100 lugares no restaurante, o que correspondeu a 94% do atendimento de uma nova ala.

A situação da cozinha foi o foco do trabalho de 2006. A média de refeições havia crescido para 3,6 mil por dia. A reposição dos alimentos ficou mais rápida e o trabalho ficou mais bem organizado, evitando-se idas e vindas desnecessárias da cozinha. Em 2007, uma nova consultoria foi realizada para diminuir os desperdícios de comida, que não era bem dimensio-

nada. Foi criado um modelo de previsão, com base em um modelo matemático, para aperfeiçoar a projeção de demanda dos usuários do restaurante e decidir que cardápio servir.

Finalmente, a última consultoria, feita em 2009, deparou-se com uma realidade nova no RU, com maior variedade de alimentos e oferta de sucos. Além disso, novos cursos na UFSC e maior número de vagas levaram a um aumento na fila e mais lentidão no buffet. O objetivo das mudanças atuais é diminuir o tempo de espera nas filas, fazer um balanceamento da demanda entre as alas e elevar a capacidade do RU, incluindo a inauguração de uma terceira ala. (D.F)



Parcerias com EJs demonstram a confiança da UFSC no conhecimento de seus acadêmicos

# Campanha de vacinação divide opiniões

Contrariando as recomendações do governo, muitas pessoas optam por não se imunizar contra o vírus H1N1

Depois de classificada como uma pandemia em 2009, a gripe A gerou a mobilização de uma campanha nacional de vacinação contra o vírus. Iniciada no dia 8 de março, a empreitada do governo estabeleceu um cronograma para que os grupos mais frágeis à doença, como grávidas, por exemplo, fossem devidamente imunizados, com o objetivo de atingir pelo menos 62 milhões de pessoas, quase metade da população do país.

Apesar de ter sido decretado caso de "emergência na saúde pública internacional", o vírus da Influenza A (H1N1) – combinação genética das variantes da gripe humana, suína e aviária – deu evidências de que, mesmo sendo mais agressivo e apresentar maior facilidade de multiplicação comparado ao da gripe comum, é menos grave do que pensava a comunidade científica, liderada pela Organização Mundial da Saúde. No ano passado, a "gripe suína" levou à morte 12.220 pessoas em todo mundo, segundo dados da OMS, contra a estimativa de 500 mil óbitos anuais pela gripe estacional, que normalmente ataca humanos.

Contrariando as orientações do Ministério da Saúde, algumas pessoas optaram por não tomar a vacina contra a gripe. Por convicções ideológicas – naturalistas ou sociais –, mesmo estando dentro dos grupos considerados mais perigosos, eles preferiram não se imunizar. É o caso de Giovana Chinellato, estudante de Jornalismo da UFSC que tem uma filosofia de vida que vai contra qualquer tipo de maltrato a animais.

"Os medicamentos e vacinas, em geral, usam animais como cobaias. E eu não me sentiria bem em colocar alguma coisa que foi testado em um animal dentro do meu corpo. Não deixa de ser uma forma de maltrato", esclarece. Além do teste em animais, outro fator contribui para essa opção de alguns naturalistas: como se trata



De acordo com a previsão do governo, mais 32 milhões de pessoas ainda devem ser imunizadas até o fim da campanha, no dia 24 de maio, mas na reta final a procura vem sendo baixa

de uma vacina que possui proteínas do A (H1N1) atenuadas, essas pessoas que evitam tomar remédios preferem não tomá-la para não "injetar" o vírus em seu organismo. "O corpo precisa estar saudável para que consiga combater as doenças sem precisar de medicamentos", afirma Patrícia Bergantin, estudante de Letras da USP.

O médico homeopata Carlos Alberto Fioro, presidente da Associação Médica Homeopata Brasileira, acredita que a campanha foi importante para evitar que a gripe A se disseminasse ainda mais, mesmo que possa ser tratada sem a vacina. "Para se

prevenir qualquer tipo de gripe, o indivíduo precisa fortalecer o sistema imunológico. A homeopatia, com tratamentos individualizados, pode auxiliar nesse aumento de resistência, mas é preciso considerar que a transmissão do vírus é muito fácil, o que é preocupante, principalmente em regiões mais pobres do mundo, onde nem sempre as pessoas estão suficientemente saudáveis para resistir às complicações clínicas".

Para combater a disseminação da "nova" gripe de uma forma mais ampla, a Associação, pensando na saúde pública, aprovou uma resolução que

visa discutir uma forma de, além de tratar dos agravantes causados pelo vírus, evitar sua disseminação. O médico do Hospital de Caridade de São José e do Regional de São José, Luiz Gustavo Escada Ferreira, reforça, endossando o coro do Ministério da Saúde, que a campanha não tem a pretensão de imunizar toda a população ou erradicar a doença, mas, sim, de vacinar um bom número de pessoas para diminuir a disseminação da gripe, bem como reduzir o número de óbitos.

Para ele, a medida é "necessária porque o comportamento desse novo

vírus ainda é imprevisível, apesar de ter tido dimensões menores do que o esperado, com mortalidade de até 30% das previsões. É uma forma de controlar futuras pandemias também". Do ponto de vista coletivo, o médico considera que a vacinação é fundamental e, embora reconheça que a gripe possa ser tratada sem internação, defende que os casos comprovados que forem identificados devem ser curados em isolamento.

Felipe Sato  
felsato@gmail.com

## Doses da vacina custaram 1,3 bilhão de reais

Ao custo de R\$ 1,3 bilhão, o governo brasileiro comprou 112 milhões de doses da vacina, que estão sendo aplicadas gratuitamente para os grupos mais suscetíveis às complicações clínicas do vírus – gestantes, indígenas, trabalhadores da saúde e portadores de doenças crônicas, como obesos e pessoas com asma. Além desses quatro, o Ministério da Saúde estendeu a campanha a mais alguns grupos: crianças de seis meses a dois anos, jovens de 20 a 29 anos e adultos de 30 a 39 anos.

O alto investimento na compra é outro fator que leva pessoas a não aderirem à campanha. Renata Frignani, estudante de Nutrição da Faculdade São Camilo, não se imunizou por considerar o gasto muito elevado. "É de se desconfiar de uma mobilização tão grande para evitar a disseminação de uma

doença que não se mostrou tão grave assim. Existem outras necessidades da população que merecem tanta, ou mais, atenção do poder público", afirma a universitária.

Segundo dados do jornal O Estado de São Paulo, em outros países, como na França, a compra de grandes quantidades da vacina causou atrito entre o governo e os partidos de oposição. Depois de gastar US\$ 1,2 bilhão na compra de 94 milhões de doses, o país anunciou que venderia parte do estoque adquirido. Com uma população de 60 milhões, apenas cerca de 5 milhões passaram pela imunização, o que levou os opositoristas a questionarem os motivos da aquisição de um número tão alto de doses. O índice de pessoas vacinadas também foi baixo na Alemanha, chegando a apenas 5% da população até agora.

Parte das 50 milhões de doses compradas também já está sendo revendida a outros países.

Na Holanda, das 34 milhões de vacinas compradas para a população de 12 milhões de pessoas, 19 milhões serão vendidas. Apesar das encomendas terem sido feitas no início da pandemia, quando ainda não se tinha ideia da dimensão da gravidade do vírus, esses excedentes adquiridos geraram margem para o questionamento da real necessidade da campanha. Circula na internet uma corrente que acusa a campanha de ser motivada pelo lucro de grandes empresas farmacêuticas. Na Sérvia, deputados da oposição se recusaram a tomar a vacina por não ter havido licitação na decisão de qual laboratório seria o fornecedor, alegando que a empresa escolhida teria sido beneficiada. (F.S.)

### Ainda dá tempo

A campanha vai até o dia 24 de maio e – até o final de abril, quando o Ministério da Saúde publicou um balanço – já imunizou mais de 40 milhões de brasileiros. Em 10 de maio, teve início a última etapa da campanha, para adultos de 30 a 39 anos. As pessoas de outros grupos de risco que perderam a data ainda podem se vacinar gratuitamente. Em Florianópolis, os postos de saúde da Trindade e do Córrego Grande e o Hospital Universitário estarão abertos para imunizar os interessados das 8h ao meio dia e das 13h às 16h45. (F.S.)

# UFSC inova em energia solar

Sistema desenvolvido pela universidade será usado em aeroportos e estádios de futebol

Um estrangeiro vem prestigiar a Copa do Mundo de 2014, aqui no Brasil. Chega ao aeroporto, no qual toda a estrutura é alimentada por energia solar. No dia do jogo, vai ao estádio, onde também só se utiliza a mesma fonte de energia. Mas ele nem tem ideia disso. Iniciativas como estas não podem passar despercebidas. Os aeroportos e os estádios solares são projetos da UFSC e, em momentos em que o país está em evidência, podem trazer o conceito de desenvolvimento sustentável e preocupação ambiental.

Em setembro de 2009, o Laboratório de Energia Solar (LabSolar), em parceria com o Instituto para o Desenvolvimento de Energias Alternativas da América Latina (Ideal), lançou o projeto Megawatt Solar, que pretende instalar o maior gerador de energia solar da América do Sul no prédio e nos estacionamentos da Eletrosul. Deverá ser gerado o equivalente ao consumo anual de cerca de 400 residências. Este será o primeiro prédio público brasileiro abastecido por energia fotovoltaica em grande escala. A geração de energia promete superar a demanda do prédio, assim, parte dela será disponibilizada na rede de energia elétrica. Segundo o diretor do Instituto Ideal e professor do LabSolar, Ricardo Rütther, o projeto é importante pela proximidade da fonte de energia com o usuário. "Com este novo paradigma acaba-se dispensando o sistema de transporte de energia das hidrelétricas às cidades, obtendo-se um uso mais eficiente". O início da instalação das placas solares está previsto para o início do ano que vem.

O LabSolar também tem projetos para os espaços públicos, como os aeroportos. Há estudos para estes espaços em Florianópolis, Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. "A expectativa é que investidores se apresentem para levar isso para frente", complementa Rütther. O preço da instalação das placas fotovoltaicas no aeroporto Hercílio Luz é cerca de 4,2 milhões de euros e, para cobrir os gastos, além dos investidores, há a ideia de se incluir R\$ 0,20 na taxa de embarque. Segundo pesquisas, se os 96 milhões de passageiros que utilizaram o transporte aéreo no Brasil em 2005 pagassem essa sobretaxa, seria possível instalar um gerador solar que atendesse completamente a demanda energética do aeroporto de Florianópolis em menos de um ano. Para Rütther, se a energia solar substituisse outras fontes de energia poluidoras, negociações no mercado internacional de carbono seriam viabilizadas sob a forma de títulos de crédito, compensando impactos ambientais provocados pelo transporte aéreo.

Tendo em vista que o Brasil será sede da Copa do Mundo, em 2014, o LabSolar e o Ideal viram a oportunidade de lançar



Lucas Nascimento, bolsista do LabSolar, mostra placas solares fotovoltaicas moldáveis no terraço do prédio de Engenharia Mecânica da UFSC

a ideia dos Estádios Solares, que busca integrar geradores solares fotovoltaicos na cobertura dos campos sede dos jogos. Segundo Nascimento, a energia produzida deve atender todo o estádio e ainda ser exportada para a comunidade através da rede elétrica. O investimento total necessário para a instalação das placas varia de R\$ 18 milhões a R\$ 42 milhões. Já há investidores interessados, como o banco de fomento alemão KfW e a agência germânica de desenvolvimento, GTZ. O primeiro estádio a ser alimentado por energia solar deverá ser o Pituacu, em Salvador. O projeto, orçado em R\$ 5,5 milhões, será financiado pela Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia (Coelba) e pelo Governo da Bahia. Mas "A expectativa é que até a copa de 2014, a gente consiga ter todos os campos esportivos envolvidos neste projeto", afirma Rütther. Se tudo der certo, 2014 será a primeira Copa do Mundo a utilizar estádios alimentados com energia limpa.

Com tantos benefícios, por que as energias alternativas ainda são tão

pouco utilizadas? Parte significativa da resposta é seu alto preço. Os painéis solares custam, em média, R\$ 5 mil por quilowatt. "É um valor bem alto. No entanto, a garantia do painel é de 25 anos. Além disso, os gastos com operação e manutenção são mínimos", analisa Nascimento.

O retorno do investimento para quem adquire painéis solares no Brasil é de aproximadamente 25 anos, o que torna a instalação pouco interessante. Para mudar essa situação, é importante que haja incentivos do governo, como já acontece em países da Europa. Na Alemanha, cada watt de energia utilizada custa 19 centavos de Euro, enquanto que o governo paga 54 centavos de Euro para cada watt de energia renovável produzida. No Brasil, há o Projeto de Lei 630/03, que também prevê incentivos à produção de energia a partir de fontes alternativas. Com a aprovação, a partir de 2011, a geração de energia renovável será remunerada, de acordo com cada tipo de fonte alternativa. A contribuição para tais incentivos virá dos consumidores de

energia, proporcionalmente ao uso, com exceção das classes mais baixas.

Nascimento explica, ainda, que o preço da energia elétrica vem aumentando, enquanto a energia solar tem seu valor 5% mais baixo a cada ano. "A previsão é que em 2017 haja uma paridade tarifária no Brasil. Mas para isso acontecer precisamos de grandes projetos com o objetivo de disseminar pequenas ideias", ressalta.

Conforme o professor Passos já concluiu, a discussão sobre novas fontes de energia deve começar e se fortalecer na Universidade. Para ajudar nessa tarefa, o departamento de Engenharia Mecânica, com a colaboração de professores de diversas áreas, disponibiliza a disciplina "Energias Renováveis", que a partir deste semestre tornou-se fixa, devido à grande procura. O objetivo é apresentar a oferta de energias renováveis e as principais tecnologias, com ênfase nas energias eólica, solar e biomassa.

Alessandra Flores  
alessandraflores@zero.ufsc.br

## Tecnologia

### Energia limpa complementa a tradicional

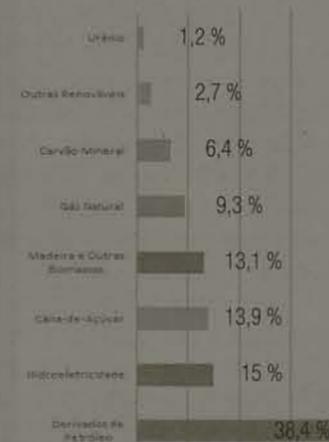
Segundo a International Energy Agency, 80% da energia consumida no mundo provém de fontes fósseis. Além de causarem impactos ambientais, estas fontes não renováveis têm data marcada para se esgotarem. A British Petroleum, em seu estudo "Revisão Estatística de Energia Mundial de 2004", afirma que as reservas mundiais de petróleo durariam cerca de 41 anos, as de gás natural, 67 anos, e as reservas brasileiras de petróleo, 18 anos. Por outro lado, a demanda de energia deverá aumentar 1,7% ao ano, de 2000 a 2030, conforme previsões do Instituto Internacional de Economia.

Segundo o diretor do Instituto Ideal e professor da UFSC, Ricardo Rütther, as fontes de energia alternativa são parte da solução para este cenário, já que geram menos impactos ambientais e aproveitam as potencialidades locais. Entretanto, "não é necessário, nem desejável que as energias tradicionais sejam substituídas. É preciso aproveitá-las ao máximo e complementar a matriz energética atual com as energias alternativas, que devem atender às necessidades de expansão", afirma Rütther.

A matriz energética do Brasil é formada em 45% de fontes renováveis, principalmente de hidrelétricas, que correspondem a cerca de 95% da energia elétrica utilizada. "O Brasil tem uma matriz energética limpa. Os danos causados em sua operação são baixos. Mas as grandes hidrelétricas têm impacto na sua construção, causam alagamentos de grandes áreas", comenta Rütther.

Para a professora de Geografia da Udesc, Maria Paula Marimon, o Brasil possui características favoráveis ao uso de energias alternativas. "A tropicalidade e maritimidade do Brasil auxiliam o desenvolvimento de climas úmidos que favorecem as usinas hidrelétricas e garantem alto potencial para a produção de energia solar", explica. Com relação à energia eólica, os principais pontos de ventos no Brasil são a costa do Ceará e do Rio Grande do Sul, onde atua a maritimidade e acontecem as principais convecções atmosféricas. "Apesar de seu grande potencial, o Brasil ainda subutiliza a energia solar. As tecnologias continuam muito caras e pouco viáveis. A energia eólica também precisa ser desenvolvida neste sentido", complementa. (A.F)

### Fontes de energia - Brasil



Fonte: Ministério de Minas e Energia - 2006



Alunos de Engenharia e bolsistas do LabSolar da UFSC realizam estudos para a transformação de energia solar em elétrica. Alguns projetos já ganharam prêmios em concursos e aguardam novas apresentações na Europa ainda este ano.

## Projetos da universidade ganham repercussão internacional

Alguns projetos da UFSC já foram reconhecidos a nível nacional e internacional. No campo das energias renováveis, diversas ideias já ganharam prêmios ou irão concorrer em grandes eventos. Dois exemplos são o Barco Solar e a Casa Solar Flex.

### O Barco Solar

Imagine um campeonato de barcos movidos a energia solar. Imagine, ainda, vencer este campeonato. Em outubro de 2009, uma equipe formada por alunos e professores da UFSC venceu o Desafio Solar Brasil, em Paraty (RJ), com o barco Vento Sul, feito com fibra de vidro. O rali visa estimular o desenvolvimento de tecnologias para fontes alternativas de energias, e mostrar sua aplicação em embarcações.

O primeiro lugar garantiu a vaga para o Friesland Solar Challenge, principal competição europeia para embarcações solares, realizada a cada dois anos na Holanda. A equipe se prepara para a construção de um novo barco para a competição, que acontece de 4 a 10 de julho deste ano. A nova embarcação será mais leve, por ser de carbono. "O barco terá alto valor agregado, o sistema elétrico envolve muita automação e tecnologias na parte naval", relata Rütther.

Tantas inovações fazem com que o preço seja muito alto. O orçamento do barco está em torno de 200 mil reais, sem contar os custos da viagem e, segundo o bolsista do LabSolar, Lucas do Nascimento, ainda falta mais da metade do recurso para a construção do barco. Apesar das dificuldades, as expectativas são muito boas: "Nossa equipe se saiu muito bem no ano passado e, agora, esperamos ganhar o primeiro lugar no mundial. Para isso, é preciso que os patrocinadores nos apoiem, afinal o projeto envolve pesados recursos", diz Nascimento.

O projeto do barco solar trouxe visibilidade para o desenvolvimento de outras iniciativas. Na lagoa do Peri, por exemplo, atua a ONG Instituto EcoBrasil, que trabalha com conservação de animais da Lagoa e com o desenvolvimento sustentável do turismo.

O Labsolar tem convênio com esta ONG e desenvolve um projeto que visa à construção de um barco solar destinado ao trajeto que a organização percorre normalmente. "Como a lagoa é uma unidade de conservação, o objetivo é colocar um barco solar para reduzir os gases poluentes e evitar a poluição com óleo diesel", explica Nascimento. O barco está sendo desenhado e já foi aprovado. O custo estimado é de 100 mil reais. "O preço é alto, mas há benefícios que não se pode mensurar, como não usar óleo diesel em um local de manejo", ressalta o bolsista.

O resultado do Desafio Solar Brasil 2009 também trouxe outra oportunidade. Há a ideia de substituir barcos que fazem o trajeto da Costa da Lagoa da Conceição por barcos solares elétricos. O projeto foi submetido ao CNPq há três anos, mas não foi aprovado. "Agora há uma parceria do Banco do Brasil com a associação de pescadores da Lagoa. Logo teremos um barco destes por lá", diz Nascimento. Apesar da falta de previsões, o contrato já foi assinado. "Já nos ligaram para comunicar que o projeto deve começar a ser montado em breve".

### Casa Solar Flex

Agora imagine uma casa autossustentável, onde só se utiliza energia solar, a água é reaproveitada e há tecnologias limpas que aumentam a eficiência e reduzem o impacto das atividades diárias. Este tipo de casa já é desenvolvido em diversas universidades do mundo. Entretanto, é

a primeira vez que uma casa realizada em países da América do Sul vai a uma competição internacional.

Desde 2008, a UFSC, juntamente com mais cinco universidades (UFRJ, UFMG, UFRGS, USP e Unicamp), desenvolve a Casa Solar Flex, a qual pretende levar ao Solar Decathlon, que acontece em Madri, em junho deste ano. Trata-se de uma competição de casas alimentadas unicamente por energia solar, desenvolvidas por universidades que buscam aliar conceitos de arquitetura, engenharia, conforto e inovação, sempre incorporando práticas sustentáveis.

A casa deve ter no máximo 71 m<sup>2</sup>, e deve ter ao menos 31 m<sup>2</sup> com ar condicionado. O painel solar deve cobrir toda a superfície do telhado. A proposta brasileira é competir com uma casa voltada para o mercado turístico. Segundo o professor de Arquitetura da UFSC/UFRJ, e um dos coordenadores do projeto, José Kós, entre as inovações que ainda não são encontradas no Brasil, a casa apresenta um vaso sanitário seco, desconectado do sistema de esgoto. Ele não tem cheiro, não polui e o rejeito ainda vira adubo. Outro exemplo é um sistema de raízes que trata toda a água utilizada pela casa.

Esta é a primeira vez que o Solar Decathlon acontece na Europa, as outras quatro, foram realizadas nos Estados Unidos. Ao todo, são esperados 15 mil visitantes, garantindo ampla vi-

sibilidade.

"Trata-se de uma competição muito cara e complexa e eles querem ter certeza que vão escolher os grupos mais bem preparados, por isso tivemos que provar que temos condições para construir a casa", relata Kós. O orçamento está em torno de R\$ 2 milhões, e o governo do país sede contribui com 100 mil euros para cada projeto. A Eletrobrás já financiou R\$ 1,5 milhão, mas segundo o professor, há muita burocracia

para utilizar este dinheiro. Além desta ajuda, diversas empresas vêm contribuindo com doações de materiais. "Ainda faltam recursos para o transporte e estamos tendo problemas com o tempo de chegada dos materiais. Está cada vez mais difícil que terminemos a casa no prazo. Faltam tempo e recursos" justifica Kós.

Entretanto, o professor afirma que o evento é um investimento que vale a pena. "É uma maneira de incentivar e direcionar as pesquisas das universidades para o uso da energia solar. A divulgação de novas tecnologias permite que as pessoas utilizem esta fonte de energia em seus cotidianos. Além disso, o evento é importante por criar certa renovação no próprio ensino. A ideia é que os alunos comecem a trabalhar com outros de diferentes áreas. Em geral, as universidades têm dificuldade para fazer esta interdisciplinaridade acontecer". (A.F)

**"A divulgação de novas tecnologias permite a utilização da energia solar no cotidiano e cria renovação no próprio ensino, a partir da interdisciplinaridade."**

# Participação popular na elaboração do Plano Diretor é limitada

Prefeitura de Florianópolis adia entrega do projeto à Câmara de Vereadores diante de manifestações de comunidades. Estas sentiram que suas demandas foram ignoradas no plano realizado por uma instituição contratada

O anteprojeto de lei do Plano Diretor de Desenvolvimento Sustentável de Florianópolis teve a sua apresentação em audiência pública suspensa por manifestações de diversos setores da sociedade, como entidades comunitárias, ambientalistas e acadêmicas. Estes se sentiram ignorados em suas demandas de preservação e infraestrutura, elaboradas em mais de 1.200 reuniões.

O Núcleo Gestor, formado por representantes dos distritos, sociedade e poder público, teve as atividades suspensas pela prefeitura no final de 2008, momento em que a Fundação Cepa (Centros de Estudos e Projetos do Ambiente), contratada por meio de licitação, assumiu os trabalhos de leitura técnica e finalização do Plano. Em meio às manifestações de março, a Prefeitura recuou e não entregou o anteprojeto à Câmara de Vereadores, colocando nas mãos do Secretário de Educação, Rodolfo Pinto da Luz, a missão de coordenar uma comissão especial para negociar a aceitação do plano diretor nas comunidades.

A nova etapa prevê a realização de dez reuniões em diferentes regiões de Florianópolis, ao longo do mês de maio. São responsáveis pela organização dos eventos o secretário de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano, José Carlos Rauhen, e a servidora do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IpuF) Maria Cristina Piazza. Os critérios de representatividade comunitária para as novas reuniões, chamadas de "etapa conclusiva" pela prefeitura, não foram apresentados durante a assinatura do decreto que criou a comissão especial. Na mesma oportunidade, foi declarado que o Núcleo Gestor não será reativado, sob o argumento do procurador do município, Jaime de Souza, de que isso seria retornar à estaca zero do processo.

A recomendação do Ministério Público Federal é de que o Núcleo Gestor seja convocado novamente. O formato de participação popular previsto para as novas reuniões é de envio de sugestões coletivas ou individuais em até 30 dias, que terão caráter consultivo. A metodo-



Moradores lutam o TAC e impedem realização da audiência pública para apresentação do Plano Diretor

logia difere daquela empregada nas reuniões de núcleos, que era de discussão ampla e aberta às colocações dos diversos setores representados, e culminou na elaboração de 3.244 proposições, que foram sintetizadas pelos participantes em 238 diretrizes.

De acordo com a prefeitura, as diretrizes comunitárias estão inseridas no anteprojeto de lei, em forma de 33 macrodiretrizes. O argumento para o fechamento dessas diretrizes sem a participação comunitária é de que a discussão alongaria demais o processo: "Certas comunidades não chegaram a um con-

senso. Com elas, vamos discutir 40 anos e não vamos chegar a lugar nenhum", declarou o presidente do IpuF, Atila Rocha, em entrevista à RBS.

Os representantes comunitários também questionam a metodologia para a elaboração das diretrizes definidas. O professor Renato Saboya, doutor em Engenharia Civil, relata em seu site sobre urbanismo que durante as oficinas de apresentação das diretrizes, em 2009, a equipe técnica foi questionada sobre os estudos que teriam de ter sido feitos para a viabilização do sistema de mobilidade urbana, como pesquisas de demanda

por bairro, localização dos empregos e moradia, diagnóstico de problemas, e a resposta dada foi que a Fundação Cepa já havia elaborado planos de mobilidade para mais de 40 cidades no mundo.

As reuniões do Núcleo Gestor Municipal prosseguiram após a retirada do poder público, em regime de autoconvocação. "Durante todo o ano de 2009 nós buscamos a reapetuação do núcleo gestor, chamamos a prefeitura para reuniões e, no final do ano, entramos com uma ação junto ao Ministério Público, na qual pedimos três liminares para a suspensão dos trabalhos feitos sem a participação popular", explicou Ângela Liutti, presidente da União Florianopolitana das Entidades Comunitárias - Ufec. Todos os pedidos foram negados pela justiça.

Tanto Liutti quanto o professor de Arquitetura, Lino Peres, representante da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) junto ao Núcleo Gestor autoconvocado, declaram não terem sido convidados para as reuniões organizadas pela nova comissão especial.

De acordo com Ângela Liutti, a postura do Núcleo Gestor autoconvocado perante as reuniões será de protesto, como continuação às manifestações realizadas durante a tentativa de audiência no Teatro Álvaro de Carvalho, em sessões da Assembleia Legislativa e na frente do Ministério Público Federal. A Associação de Moradores da Lagoa da Conceição (Amola) também tem realizado protestos, com participação de alguns do bairro e abaixo-assinado virtual contra a construção de prédios com mais de dois andares, que já tem mais de 5.200 assinaturas. No anteprojeto da prefeitura, a altura permitida para prédios no local é de até quatro andares, o que resultaria em crescimento populacional. A Amola argumenta que a Lagoa não suportaria este aumento porque o bairro já sofre com falta de luz e água e trânsito congestionado. Na tentativa de resolver este último problema, o projeto da prefeitura prevê a duplicação da Avenida das Rendeiras, porém os moradores

também são contra, pois acreditam que melhorias no transporte público e construção de cicloviarias trariam o mesmo resultado sem grande impacto ambiental e estético.

A proposta foi aceita em troca do compromisso de que o Conselho da Cidade, que seria criado após a implementação do plano diretor, teria uma composição mais equilibrada. Mas outros problemas surgiram logo após o início dos trabalhos dos núcleos reconhecidos, principalmente relacionados a verbas, baixa participação do Poder Público e inexistência de uma política de comunicação.

"O fato de não haver recursos também se traduz numa decisão de não querer que aconteça", interpretou Alexandre Lemos, presidente da Federação

de Entidades Ecologistas Catarinenses (Fecce) e membro do Núcleo Gestor, durante seminário de avaliação do Plano Diretor organizado pela UFSC em 2009.

## Quadro atual

O Núcleo Gestor quer que as reuniões com os representantes eleitos da comunidade sejam retomadas do ponto onde foram interrompidas em 2008, acrescentando-se os dados técnicos levantados pelo instituto Cepa, mesma posição sustentada na recomendação do Ministério Público. O Comitê Interuniversitário para discussão do Plano Diretor Participativo de Florianópolis está organizando um seminário para dia 21 de maio, que vai trazer especialistas de diversas áreas para analisar o anteprojeto da Prefeitura.

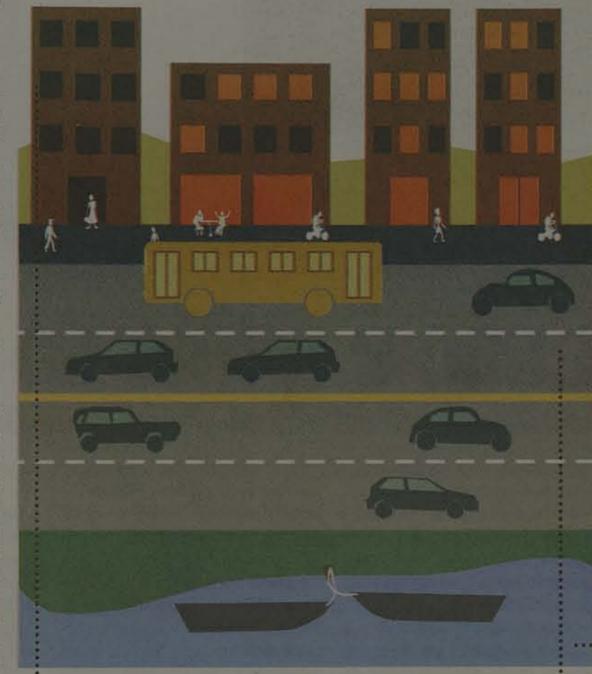
"Se o Núcleo gestor fosse retomado e fosse dada a devida divulgação, com apoio logístico, espaço físico, ajudar as comunidades com mapas - coisa que praticamente não se fez durante dois anos e meio - e se tiver verba para isso, o Plano Diretor Participativo poderia ser definido em até seis meses ou menos, mas arrastando-se o embate político, pode levar muito mais tempo", defende o professor Lino Peres.

Juntando-se às opiniões sobre a não legitimidade do processo centralizado pela prefeitura, o presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) de SC, Edson Cattoni, também declara que o processo não foi transparente: "Estamos vivendo um novo capítulo de desenvolvimento da democracia. É a democracia direta, que foi esquecida, mas o Estatuto da Cidade abriu essa oportunidade. É com a participação de toda a população que o debate deve ser feito".

Anna Bárbara Medeiros  
annabarbara@zero.ufsc.br

Arte: Cláudia Mussi / Texto: Anna Bárbara Medeiros

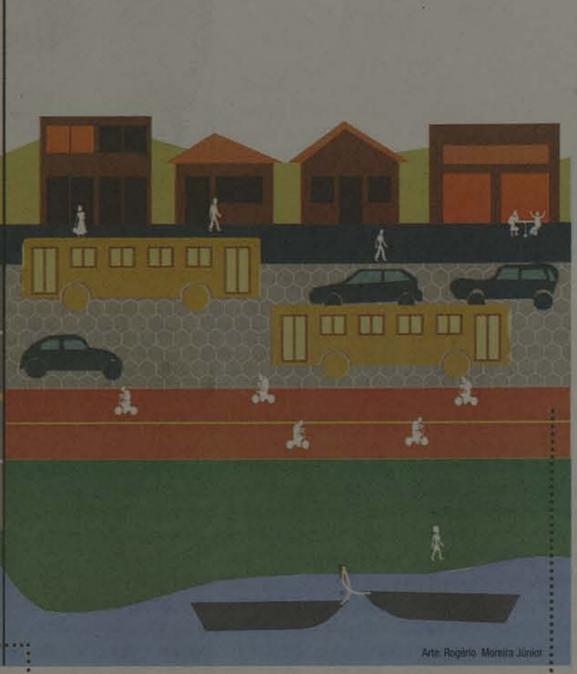
## Lagoa com modificações do Plano Diretor



O anteprojeto da prefeitura prevê construção de prédios de até 4 andares. A Associação dos Moradores da Lagoa (Amola) afirma que o aumento populacional consequente agravaria os problemas já existentes na região, como falta de luz, água e saneamento.

O plano apresentado pela prefeitura planeja duplicar a Avenida das Rendeiras que liga o centrinho da Lagoa às praias. O objetivo é dar mais fluência ao trânsito, que apresenta engarrafamentos frequentes, principalmente no verão.

## Lagoa com reivindicações dos moradores



A comunidade recela que o aumento da população torne insustentável a quantidade de dejetos sanitários despejados na Lagoa, prejudicando a pesca, o equilíbrio ecológico, o lazer e as atividades turísticas e disseminando doenças.

A Amola é contra a duplicação da Avenida das Rendeiras, que exigiria aterramento da área. Para os moradores a solução para desafogar o trânsito é construir cicloviarias em todo o bairro, inclusive conformando a Lagoa, e melhorar o transporte público.

## Democracia

# Constituição prevê envolvimento da sociedade em decisões

O Plano Diretor é apenas um dos instrumentos para o exercício da chamada "democracia participativa", conceito que tem suas primeiras repercussões no Brasil com a promulgação da Constituição de 1988, que prevê a participação da comunidade em diversos setores da administração pública direta e indireta, como saúde, seguridade e assistência social. O primeiro dos órgãos colegiados de representação comunitária a ser criado em Florianópolis foi o Conselho Municipal de Saúde, com lei publicada em novembro de 1989.

O Conselho Municipal é formado por um grupo de 26 conselheiros, metade composta de usuários do SUS e a outra metade de segmentos do governo, prestadores de serviços e profissionais de saúde. Acontecem reuniões mensais para tratar de assuntos como quantidade de médicos disponíveis, instalação de unidades de saúde, salários dos profissionais, qualidade do atendimento, utilização do fundo municipal de saúde e participação em outros eventos, como a Conferência Municipal de saúde.

Apenas a Secretaria Municipal de Assistência Social e Juventude tem seis outros conselhos

municipais, além do Conselho Tutelar, que se distingue por sua autonomia, não pertencendo ao poder municipal. Os estados também são responsáveis pela manutenção de conselhos, como o Conselho Estadual de Saúde, que é de instalação obrigatória desde 1990. Santa Catarina criou o seu em 1993, que atualmente conta com 32 membros efetivos, com atribuições em comissões, sendo metade de usuários do sistema.

A gestão dos fundos especiais de cada área é uma atribuição importante de grande parte dos conselhos existentes em Florianópolis. Ela se distingue da prática de Orçamento Participativo, que consiste no controle global das finanças, determinando inclusive quanto vai para cada um dos fundos sociais. Mas mesmo nos municípios com orçamentos participativos, uma das maiores dificuldades relatadas em estudos é justamente a integração das diversas secretarias.

Em artigo publicado em 2007 sobre o tema, o professor Rubens Pinto Lyra, doutor em Direito, estima a existência de 25 mil conselhos de políticas públicas com envolvimento da sociedade no Brasil, entre gestores, deliberativos

e de direitos, a maioria de natureza consultivo-propositiva e de fiscalização, no mínimo 200 experiências de orçamento participativo e mais de mil ouvidorias.

Luciana Rosa Marques, doutora em Sociologia, defende que uma das razões para a necessidade de legitimidade da democracia participativa é a insuficiência da democracia representativa em dar conta da pluralidade cultural e do reconhecimento de novas identidades, ainda que considerando também que a prática da participação tende a buscar a complementariedade entre as duas formas de democracia.

A democracia representativa é o modelo mais hegemônico, bastante ilustrado no Brasil pelo movimento das Diretas Já, entre 1983 e 1984, que pedia as eleições diretas para a Presidência da República. Baseando-se na autoridade conferida pelo voto, o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis publicou carta defendendo o envio do anteprojeto de Plano Diretor à Câmara de Vereadores: "O que se questiona é se as 2.066 pessoas que elegeram o Núcleo Gestor são mais representativas do que os 305.000 eleitores que elegeram os

atuais Vereadores".

O processo democrático envolvido na criação dos planos diretores se distingue por sua continuidade: após a lei de criação do plano ser desenvolvida, ela se ocupa também de instalar o Conselho da Cidade, que tem por principal atribuição a aplicação do Estatuto da Cidade. Pelo anteprojeto em discussão, este órgão terá 30 conselheiros com mandato de três anos, divididos entre segmentos do governo e sociedade civil. Para a representação espacial da cidade, a participação tende a buscar a complementariedade entre as duas formas de democracia.

O funcionamento dessa nova instância dependerá mais uma vez de fatores que foram problemáticos durante as discussões do plano, como liberação de recursos, participação efetiva dos representantes do governo e encaminhamento das resoluções. De acordo com o Instituto Brasileiro de Administração Municipal (Ibam) a questão envolvida é justamente o conceito de cidadania, já que ele "envolve naturalmente o direito da maior participação possível dos cidadãos no processo decisório governamental". (A.B.M.)

## Passo a Passo

As experiências de criação de planos diretores participativos são recentes, assim como a própria abertura democrática no Brasil, inexistindo um modelo pronto de elaboração, apesar dos diversos estudos na área. Nem mesmo a interpretação do Estatuto da Cidade e das demais resoluções é consensual, como deixa evidente o caso da elaboração do Plano Diretor Participativo de Florianópolis, começado em 2006 e sem perspectiva de finalização.

**1 Eleição do Núcleo Gestor**  
Foram realizadas 15 audiências públicas, totalizando 2.066 participantes. A composição foi de 46,24% de representação do Poder Público e 53,76% de representação comunitária, entre núcleos distritais, entidades empresariais, sindicais, de classe, movimentos sociais e outros grupos.

**2 Reuniões**  
Mais de 1.200 reuniões deliberativas são realizadas de meados de 2006 ao final de 2008, entre trabalhos do Núcleo Gestor e dos núcleos distritais.

**4 Argumento da Prefeitura**  
Diferenciação das fases de leitura comunitária e de leitura técnica, com os técnicos da Cepa, contratados por licitação, viabilizando as propostas elaboradas antes.

**Argumento da comunidade**  
Resolução nº 25 do Concidades, artigo 3, parágrafo 1º: "A coordenação do processo participativo de elaboração do Plano Diretor deve ser compartilhada, por meio da efetiva participação de poder público e da sociedade civil, em todas as etapas do processo, desde a elaboração até a definição dos mecanismos para a tomada de decisões".

**5 Para a etapa final da criação do Plano Diretor Participativo há duas hipóteses:**

Primeira hipótese: Após as reuniões nos distritos organizadas pelo comitê especial, alguns ajustes são realizados no anteprojeto, que é encaminhado à Câmara de Vereadores. Caso seja aprovado por maioria simples, entra em vigor.

Segunda hipótese: O Núcleo Gestor retoma os trabalhos, por meio de acordo com a Prefeitura ou decisão judicial, e novas reuniões deliberativas são realizadas, trabalhando as diretrizes comunitárias juntamente com os levantamentos técnicos, com data para conclusão do projeto também indefinida.



Este mês comemora-se o Dia Internacional Contra a Homofobia. O 17 de maio é lembrado desde 1990 como a data em que a OMS retirou o homossexualismo da lista de doenças mentais

# Homofobia ainda não é crime no Brasil

Projeto de lei da Câmara que institui a criminalização da prática está em tramitação no Senado Federal

Este mês comemora-se o Dia Internacional Contra a Homofobia. O 17 de maio é lembrado desde 1990 como a data em que a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou o homossexualismo da sua lista de doenças mentais, sob a alegação de que “a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão”. O sufixo ismo – que remete a patologias – também foi abolido e hoje a palavra mais corretamente usada é homossexualidade.

Grupos organizados aproveitam a data para ir às ruas pressionar autoridades pela reafirmação e aprovação de leis que versam sobre direitos específicos de interesse dos homossexuais.

A vitória do participante Marcelo Dourado na décima edição do Big Brother Brasil, cujas declarações homofóbicas durante o programa escandalizaram o país, agressões físicas e homicídios brutais de homossexuais por grupos neonazistas e a publicação do jornal dos alunos de Farmácia da USP, propondo jogar fezes em gays a troco de ingressos para uma festa – são episódios sintomáticos do preconceito persistente na sociedade brasileira e deixam clara a urgência de leis específicas que coibam e punam esse tipo de agressão.

No Brasil, ainda está em tramitação no Senado Federal o projeto de lei da Câmara (PLC 122/2006) que institui a criminalização da prática de homofobia. O projeto atual teve origem a partir do Projeto de Lei 5003/2001, desenvolvido pelos membros da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) e ou-

tras 200 organizações associadas. Ainda em 2001, a então deputada federal Iara Bernardi do Partido dos Trabalhadores de São Paulo, apresentou pela primeira vez à Câmara Federal o PLC 122.

No texto de justificativa do projeto, a deputada afirma que a lei precisa seguir paralela aos avanços da sociedade brasileira e invoca o artigo quinto da constituição que diz: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros

e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e a propriedade”. Na matéria, a deputada escreve que é função principal dos parlamentares assegurar direitos, independente de

suas escolhas e crenças pessoais.

O projeto da deputada foi elaborado para alterar a Lei nº 7.716 de combate ao racismo, de 5 de janeiro de 1989. O texto acrescenta “condição de pessoa idosa ou com deficiência, gênero, sexo, orientação sexual e identidade de gênero” aos “crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacionais”, já tipificados na redação atual. Propõe também alterações no Código Penal e nas Consolidações das Leis do Trabalho.

Depois de muita discussão, o texto foi finalmente aprovado pela Comissão de Assuntos Sociais (CAS) do Senado em 10 de novembro de 2009, mas ainda precisa passar pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) e ser votada em Plenário. Só depois de ser sancionada pelo presidente da República, entrará em vigor. Caso aprovada no Senado, a

lei prevê pena de um a três anos de prisão a pessoas como, por exemplo, donos de estabelecimentos que se recusarem a dar acesso ou atender homossexuais ou proibirem manifestações de afeto nos locais onde casais heterossexuais são autorizados a fazê-lo.

A demora na aprovação se deve à pressão de deputados e senadores que compõem frentes religiosas dentro do parlamento, principalmente católicas e evangélicas. No final de outubro de 2007, a senadora Fátima Cleide, do PT de Rondônia – relatora do projeto na Comissão de Direitos Humanos e Participação Legislativa (CDH) no Senado – recebeu em seu gabinete representan-

tes da Frente Parlamentar. Os senadores dessa frente pediam a retirada dos termos “orientação sexual” e “identidade de gênero” do texto original. O argumento dos parlamentares é de que a redação da lei compromete a liberdade de culto, assegurada pela Constituição Federal. Se o sacerdote condenar a homossexualidade como pecado, estará cometendo o crime de injúria, de acordo com o artigo 140 que tipifica o delito no Código Penal, estando sujeito a pena de um a três anos de prisão.

Santa Catarina já teve sua lei estadual de combate à homofobia. De autoria da então deputada estadual, hoje senadora, Ideli Salvatti, do PT, o Projeto

de Lei 12.574/03 previa a punição dos atos discriminatórios com multas que poderiam chegar a 3 mil reais e sanções ao funcionamento dos locais onde as agressões fossem cometidas. Mesmo vetada pelo governador Luiz Henrique da Silveira, sob alegação de inconstitucionalidade, a lei foi aprovada e promulgada pela Assembléia Legislativa em 4 de abril de 2003. No entanto, foi considerada inconstitucional pelo Tribunal de Justiça do Estado, no entendimento de que a lei é assunto para o Congresso Nacional.

Fábio Queiroz

fabiosousaqueiroz@zero.ufsc.br

## Florianópolis é vanguarda no direito dos grupos LGBT

Capital catarinense é uma das poucas cidades do Brasil que possui legislação cujo texto contempla especificidades sobre identidade de gênero e orientação sexual (são cerca de 70 em um universo de 5564 municípios, de acordo com levantamento feito pela ABGLT, Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais). A Câmara de Vereadores do município aprovou ano passado a lei proposta pelo vereador Tiago Silva, do PPS. O projeto 13.628/2009 foi sancionado pelo prefeito Dário Berger no começo de setembro, dias antes da 4ª Parada Gay.

O texto da lei em seu artigo primeiro diz que “a cidade de Florianópolis, por sua administração direta e indireta, reconhece o respeito à igual dignidade da pessoa humana em todos os seus direitos, devendo para tanto promover sua integração e reprimir os atos atentatórios a esta dignidade, especialmente toda forma de discriminação fundada na orientação, práticas, manifestação, identidade e preferências sexuais exercidas dentro dos limites da liberdade de cada um e sem prejuízos a terceiros”. As penas estabelecidas para os praticantes de discriminação vão de advertências a multas de até 500 reais. Também pode haver suspensão ou cassação de

licença de funcionamento de estabelecimentos.

Na cidade também foi instituído o Dia Municipal de Combate à Homofobia, com base no projeto de lei 12305/2007, proposto pela deputada Ângela Albino, do PCdoB de Florianópolis. A lei foi sancionada pelo prefeito Dário Berger em dezembro de 2007. Com isso, o dia 17 de maio faz parte do Calendário Oficial de Eventos do município.

Todas essas legislações põem Florianópolis em uma posição de vanguarda no que diz respeito às conquistas políticas e sociais dos grupos LGBT. Para Miriam Grossi – professora de antropologia da UFSC e coordenadora do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades – a explicação para essa peculiaridade da cidade não é só política, envolve outros fatores mais subjetivos. O turismo internacional, a Universidade Federal e a empresa Eletrosul trouxeram muita gente de fora, pessoas “livres da pressão do núcleo familiar e dos amigos, mais livres para assumir sua identidade”.

Para Felipe Fernandes, doutorando em Ciências Humanas na UFSC, a legislação não é suficiente para garantir sua eficácia. O tema de sua tese é Corpo, Gênero e Sexualidade na Escola: uma análise das políticas educacionais vinculadas ao programa federal Brasil Sem Homofobia.

“Cabe aos homossexuais denunciarem a violência e aos setores progressistas andarem de mãos dadas na luta contra a violência e pelos direitos humanos. É na luta cotidiana e com o nosso suor coletivo que esta lei trará resultados satisfatórios na reflexão sobre sexualidade com a sociedade e, assim, contribuir para um direito democrático da sexualidade.”

A UFSC é um dos centros de estudos do tema no país. Desde 1994 o Fazendo Gênero acontece na UFSC. O evento que ocorre a cada dois anos, com a participação de centros, departamentos, programas de pós-graduação e núcleos de pesquisa de diversas universidades. Conta com o Instituto de Estudos de Gênero (IEG), que junto com o Centro de Expressão e Comunicação (CCE) e o Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), é responsável pela revista Estudos Feministas. No dia 18 de maio, acontece reunião em que serão debatidos assuntos da temática LGBT. Toda a comunidade universitária e externa estão convidadas.

Em 2 de março deste ano, a ABGLT convocou o 1º Grito Nacional pela Cidadania LGBT e Contra a Homofobia. A manifestação tem data marcada para 19 de maio em Brasília, com concentração às 9h em frente à Catedral Metropolitana. (F.Q.)

# Crescem adeptos do espiritismo no país

## Fundamento científico e obras publicadas colaboram para que o Brasil tenha maior número de seguidores do mundo

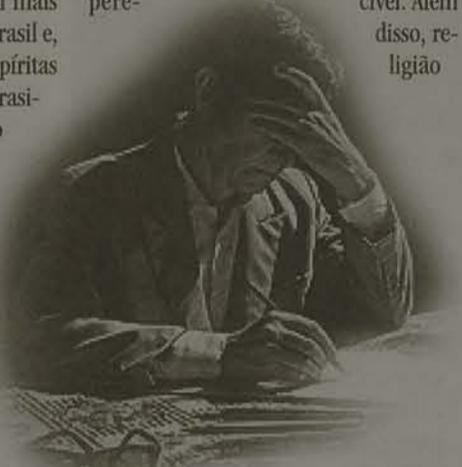
Ao contrário do que o senso comum prega, os preceitos espíritas têm em seus pilares no estudo da vida de Jesus, junto a aspectos filosóficos e científicos. O espiritismo já é o terceiro maior grupo religioso do Brasil, país com maior número de adeptos do mundo. A doutrina, em função do seu caráter progressista, tem como base de desenvolvimento o estudo constante, a prática e sua divulgação, o que exige certo autoconhecimento e esforço pessoal, e tem atraído adeptos principalmente da classe média.

Seu codificador, Allan Kardec, sistematizou, através de mais de mil entidades (espíritos), informações que organizou didaticamente por 15 anos, em cinco livros que compõem a obra básica da doutrina. Seus livros já venderam mais de 20 milhões de exemplares no Brasil e, contabilizando as demais obras espíritas decorrentes, o mercado editorial brasileiro dessa área ultrapassa quatro mil títulos editados e mais de 100 milhões de exemplares vendidos. De acordo com Ricardo Mesquita, vice-presidente da Federação Espírita Catarinense (FEC), a produção de obras espíritas hoje no Brasil é inigualável. “Nosso país detalha e expande a doutrina. Esse ano, em função dos eventos e campanhas pelo centenário do Chico Xavier e pela repercussão na mídia, está sendo muito significativo para o espiritismo”.

No dia em que o mais famoso médium brasileiro celebraria seu centenário, 2 de abril, foi lançado um filme sobre sua vida, que bateu recorde nacional de bilheteria ao atrair no primeiro final de semana cerca de 590 mil pessoas ao cinema. “O Brasil é um país muito cristão, o que facilita a compreensão dos princípios espíritas. Além disso, obras psicografadas por médiuns importantes

contribuem para seu crescimento. Um exemplo são os livros de Chico Xavier, um grande exemplo que, além de grande divulgador da doutrina, foi também uma testemunha”, atesta Mesquita.

Segundo Allan Kardec, o espiritismo tem caráter progressista. “Ele não briga com a ciência, a explica através das leis naturais ou divinas, assim como incorpora todos os fatos novos que o progresso dos homens ou a ciência venham a descobrir”, explica Mesquita. Para ele, a importância de caminharem juntas é que assim se pode acelerar o alívio de dores e sofrimentos. “Nós estendemos o campo da ciência ao explorar o campo espiritual, uma vez que a ciência se ocupa apenas da matéria, pere-



também é ciência”.

E o outro lado também vem, em alguns pontos, corroborando as revelações espíritas. Ana Lídia Ribeiro Pasa, fundadora do Centro Espírita Anjo de Luz, em Bom Retiro – SC, lembra que “há algumas décadas médicos psiquiatras não-espíritas fazem pesquisas com regressão em seus consultórios, constatando que as pessoas nesses processos vão além da vida intrauterina, como fez Brian Weiss”. As pesquisas do médico e psiquiatra norte-americano, que hoje realiza seminá-

rios públicos sobre os temas, incluem reencarnação, terapia de vidas passadas, progressão a vidas futuras e sobrevivência do ser humano após a morte. Bezerra de Menezes foi - ou ainda é, em espírito (como muitos acreditam) - outro exemplo de médico que se orienta e influencia o movimento espírita. Reconhecido pela índole caridosa, foi conhecido como Médico dos Pobres e se destacou por sua vontade em divulgar e reestruturar o movimento no país. Graças a sua contribuição, ele é homenageado sendo nome de inúmeros centros espíritas pelo país.

“Vejo o espiritismo como uma doutrina que veio nos revelar as leis cósmicas que regem nossa vida e o universo, e que gradualmente a ciência vai confirmando. É uma religião que não se baseia em dogmas (crenças estabelecidas consideradas indiscutíveis). Ela não veio como mais uma religião no meio de tantas outras, e sim como uma doutrina revelada pela espiritualidade, que pode ser aproveitada por todas as religiões”, defende Ana Lídia.

E, por isso, é possível observar uma grande tolerância por parte de diversos cristãos às práticas mediúnicas, principalmente no Brasil. Embora existam barreiras entre católicos tradicionais e espíritas, o espiritismo respeita as demais religiões, pois acredita que ao ser benevolente todos serão gratificados. “O espiritismo não faz proselitismo. Para nós, o importante é que as pessoas conheçam as verdades, aplicáveis a todas as religiões”, diz Mesquita. Ana Lídia explica que, embora não pratique hierarquia sacerdotal e rituais institucionalizados, as semelhanças com outras religiões cristãs predominam, pois os princípios morais se apoiam no evangelho de Jesus e a evolução espiritual se dá através da prática da caridade.

Sobre o receio provocado pela doutrina, ela afirma que o que existe é o medo

ao desconhecido. “As pessoas desconhecem até o que seja espírito. Existem leis que regem estas relações entre homens e espíritos que seriam mais simples se compreendidas. Quando desencarnamos, tornamo-nos esses ‘espíritos’ de quem tantos têm medo. Por que ter medo? Existem espíritos bons e maus da mesma forma que existem homens bons e maus, não mudamos porque morremos”. Para Paulo Mesquita, “há muitas histórias fantasmagóricas ou místicas de ‘almas penadas’ que acabam atrapalhando o correto entendimento da matéria, que é séria. Uma vez conhecido e entendido de maneira racional e lógica, o medo aos espíritos desaparece”. Para ele, a mediunidade é um fato real, presente em toda história da humanidade, uma vez que é um fenômeno natural que todos nós temos, em menor ou maior grau, e que deve ser entendida e estudada com lógica para que saibamos lidar com respeito.

Para o vice-presidente da FEC, o espiritismo tende a crescer nos próximos anos, uma vez que seus princípios estão cada vez mais sendo observados e aceitos pela sociedade, o mundo acadêmico e científico. “Encontramos e demonstramos a coerência entre os três aspectos do espiritismo. Não é concebível separarmos Deus da ciência e da filosofia, e é assim que verificamos o processo evolutivo do homem e da natureza. Além disso, temos todas as explicações na doutrina espírita. Até hoje não fiquei com nenhuma questão em aberto”. Para Ana Lídia, as pessoas, cada vez mais, estão pedindo explicações sobre o porquê de seus problemas e sofrimentos. “A doutrina espírita dá uma resposta a estes questionamentos e um sentido lógico e coerente à vida, além de esclarecer o plano espiritual”, defende.

Natália Izidoro  
nat.izidoro@hotmail.com

### O que é

## Os pilares da doutrina

O espiritismo foi sistematizado, em 1857, pelo pedagogo francês Allan Kardec, no *Livro dos Espíritos*, como doutrina de caráter científico, religioso e filosófico. Os ensinamentos de Kardec reúnem princípios revelados a ele pelos “espíritos superiores” (ou puros, que se distinguem pela perfeição, conhecimento e proximidade de Deus).

Na época, o fenômeno das “mesas girantes” na Europa chamou sua atenção; então Kardec estudou-as baseado no método da investigação científica. Através da observação, o pedagogo identificou a natureza da força que movia as mesas, como os espíritos dos homens que haviam morrido. Kardec fez perguntas aos espíritos e, analisando e decifrando as respostas, escreveu o livro.

Segundo ele, a doutrina é uma ciência que trata da natureza, da origem e destino dos espíritos, de suas relações com o mundo corporal e da habitação dos espíritos encarnados (homens). Para os espíritas, o universo é uma criação de Deus, onde, além desse mundo material, existe o espiritual. Eles acreditam também que a Terra não é o único planeta com vida inteligente no universo e que os espíritos são criados simples e ignorantes, evoluindo intelectual e moralmente, passando da ordem inferior para outra mais elevada, até a perfeição, onde gozam de plena felicidade. Os espíritos, creem, preservam sua individualidade antes, durante e depois de cada encarnação e reencarnam quantas vezes forem necessárias ao seu próprio aprimoramento. Em suas várias existências corpóreas, podem estacionar, mas nunca regredir. A rapidez do progresso depende dos seus esforços para chegar à perfeição.

Há os espíritos puros, que atingiram a perfeição máxima, os bons, nos quais o desejo do bem é o que predomina, e os imperfeitos, caracterizados pela ignorância, desejo do mal e paixões inferiores. Em suas relações com os encarnados, os bons atraem os homens para o bem e os ajudam a suportar as dificuldades - ou provas - da vida, enquanto os imperfeitos induzem ao erro. O homem tem o livre-arbítrio para agir, mas responde pelas consequências de suas ações. Os espíritas acreditam que a vida futura reserva penas e gozos compatíveis com o respeito ou não à Lei de Deus. Aquele que reza e é forte contra as tentações do mal, Deus envia bons espíritos para assisti-lo.

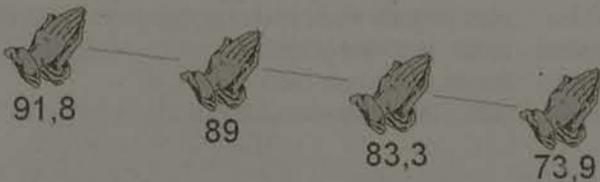
A mediunidade, que permite a comunicação entre espíritos e homens, é uma capacidade que vem de nascença, independentemente da religião ou doutrina que adotem. (N.I.)

### Números

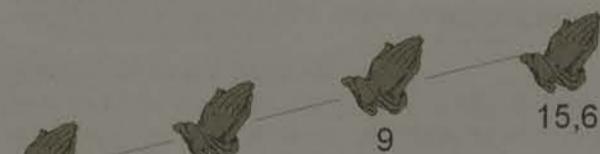
Arte por Maria Luiza Gil

1970 1980 1991 2000

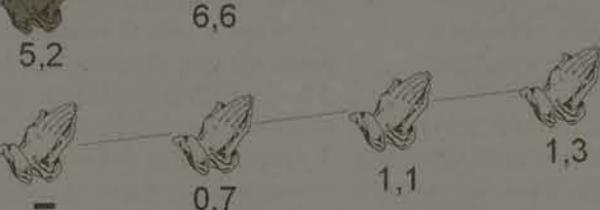
Católicos



Protestantes



Espíritas



## Estimativa aponta dez vezes mais seguidores desde 2000

Embora a doutrina espírita não seja proveniente do Brasil, este é o país em que vive a maior quantidade de adeptos do mundo. A Federação Espírita Brasileira (FEB), fundada há 126 anos e integrante do Conselho Espírita Internacional, é a principal entidade divulgadora do espiritismo no Brasil e congrega aproximadamente 10 mil instituições por todas as regiões do país. Além disso, podem ser contabilizados hoje cerca de 15 mil centros espíritas brasileiros. Em 1970, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não tinha registros de números, mas no último censo, realizado em 2000, o Brasil possuía 2,3 milhões de seguidores da doutrina, enquanto os católicos eram 125,5 milhões de habitantes e os protestantes, 26,5 milhões. Hoje, segundo vice-presidente da Federação Catarinense de Espiritismo, Ricardo Mesquita, estima-se que haja 20 milhões de espíritas no país.

# Pulseirinha do sexo põe tabus à mesa

A brincadeira denuncia a precocidade dos jovens e as falhas na abordagem do assunto em escolas e nos lares

Estão por aí: Amarelas, roxas, verdes, pretas, douradas... As pulseiras do sexo são a nova mania dos adolescentes brasileiros. A moda que invadiu as escolas de algumas cidades do país tem causado dor de cabeça em pais e professores por causa do seu apelo sexual explícito: a dona do acessório, ao tê-lo arrebitado, deve pagar ao rapaz o que está prometido – de forma subentendida – pela cor. A ideia, vinda das casas noturnas do Reino Unido, é considerada por aqui apenas uma brincadeira, mas que de inocente parece não ter nada.

A preocupação dos pais e professores não é sem fundamento. O significado das cores pode escandalizar os mais conservadores e causar espanto até mesmo nos liberais. A amarela, mais amena, dá direito a um abraço; a laranja, mordida no pescoço; preta, sexo; e a dourada, vale tudo, e por aí vai. A brincadeira se torna um risco no momento em que, ao arrebitar uma delas, o rapaz se sente no direito de receber o “prêmio” e obriga a garota a entregá-lo.

O verdadeiro significado das pulseiras, no entanto, vai além das cores e suas implicações. O jogo revela que o sexo já é uma realidade na vida dos jovens. Estudo recente da Organização Mundial da Saúde (OMS) mostra que 22% dos adolescentes iniciam a atividade sexual aos 15 anos. Outro estudo, da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2009, realizada pelo IBGE com alunos do 9º ano (8ª série) do ensino fundamental, expõe que 30,5% dos estudantes já tiveram relação sexual alguma vez. Nas escolas públicas foram constatados mais alunos que já iniciaram a sua vida sexual (33,1%) comparados aos das escolas privadas (20,8%).

Uma das explicações para essa precocidade, dizem os especialistas, é a quantidade de apelo sexual nas mídias a que os jovens têm acesso. Programas de TV, novelas, música, publicidade, internet, são todos meios possíveis para se falar do assunto, já que “sexo vende”. Os programas passam a qualquer hora, as crianças veem e não entendem e o resultado desse contato precoce com o assunto traz consequências: “A mídia acaba sendo um estímulo para que crianças e adolescentes cheguem ao sexo sem estarem preparados e sem terem refe-



Albani Rosa/Gazeta do Povo

A proibição não soluciona o problema; é preciso saber dialogar com os adolescentes para que eles tenham condições de fazer suas escolhas

rências”, explica a enfermeira e doutora em Ciências Humanas, Olga Regina Zigelli Garcia. “A mídia contribuiu para o assunto ser tratado sem repressão. E apesar das abordagens incorretas, proibir que crianças e adolescentes assistam é pior, pois proibir estimula. O ideal é dialogar sobre o assunto”, acrescenta.

Esse diálogo deveria ser iniciado em duas principais esferas: na escola e na família. A educação sexual nas escolas brasileiras não é uma exclusividade das últimas décadas. Nos anos vinte e trinta do século XX, ela já era uma preocupação para médicos, intelectuais e professores. Mas a ditadura impôs um regime de moralização dos costumes e o tema foi banido de qualquer discussão pedagógica. Somente nos anos 90 é que voltou a ser abordado, com a produção dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), elaborado pelo Governo Federal. Mais recentemente, em 2003, o Ministério da Saúde, em parceria com o Ministério da Educação, lançou o Programa Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), que planeja desenvolver, nas escolas públicas, ações de conscientização para prevenir as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs).

Hoje, professores, agentes de saúde e psicólogos buscam outra proposta para

o que tem sido feito até o momento – e que ainda não é o ideal. As aulas de educação sexual têm se resumido em apresentação de slides com fotos medonhas de DSTs, estudadas como um capítulo da disciplina de biologia, quando a grade curricular definiu como conteúdo, para a sétima série. A educação sexual está muito associada ao enfoque higienista, que reforça a prevenção de doenças e a gravidez, muitas vezes, por métodos que geram medo e levam ao descrédito, como se a educação sexual se resumisse a esses aspectos. O que os profissionais estão querendo é tirar essa imagem negativa do sexo e incentivar

o diálogo aberto, livre de preconceitos. “Tendências contemporâneas estão trazendo os aspectos afetivos, emocionais e psicológicos para a discussão temática. Além destes, existem os valores familiares, morais, religiosos, culturais. Por isso, a educação não deve ser analisada sob uma única perspectiva”, aponta o psicólogo e especialista em educação sexual, Tito Sena. É preciso encontrar

um formato que seja adequado à linguagem e ao dia a dia do público alvo. Simplesmente fornecer informações não parece ser suficiente, como Tito revela: “a questão é que informação não é conscientização e, numa relação afetiva e sexual, a busca pelo prazer imediato parece anular a conscientização responsável e a compreensão das consequências dos atos”. De fato, as evidências sugerem que os cursos de educação

sexual não têm sido eficazes em ajudar os adolescentes a transformarem informação científica em comportamentos saudáveis. “Seria preciso combinar o fornecimento destas importantes informações com programas de educação sexual que levem em conta o prazer e a legitimidade das práticas sexuais”, aponta Olga que além de profissional da saúde é professora.

Mesmo que a implementação dessa nova proposta ainda esteja em andamento, já é possível enxergar resultados. De acordo com dados do IBGE, de 2009, o número de partos feitos em ado-

lescentes da rede pública diminuiu 30% nos últimos dez anos. Essa diminuição está ligada principalmente ao acesso aos métodos de prevenção e orientação sobre saúde sexual. Outro resultado considerado fundamental é abertura de espaço para a discussão do tema. Olga conta que em alguns colégios as meninas passaram a buscar orientação ginecológica e o número de grávidas diminuiu.

O que esse fato revela é que o diálogo, antes de tudo, é o meio mais eficaz para se chegar aos jovens. Mas as escolas não podem trabalhar sozinhas: os pais devem tratar do tema em casa. Acontece que muitos deles não têm coragem de tocar no assunto porque não sabem o quê ou como dizer. Algumas mães, conta Olga, não aprenderam em casa também e por isso não sabem iniciar o assunto. “Deve-se responder de maneira direta e sem rodeios, tão somente aquilo que a criança pergunta, satisfazendo as curiosidades do filho na medida em que surgem e de acordo com a possibilidade de compreensão de cada faixa etária”. O segredo parece estar na maneira como se fala, “sem ansiedade, sem exageros, tendo a clareza de que o saber não leva à precocidade, pelo contrário, faz com que a criança assimile aquele conhecimento e siga adiante”, acrescenta.

O uso das pulseiras do sexo pelos adolescentes pode ser um ponto de partida para auxiliar os pais que não sabem como tratar de sexo com seus filhos. Mesmo com os riscos da brincadeira, afirmam os entrevistados, que o ideal não é proibir. “No meu entendimento, as pulseiras são mais uma manifestação visível e concreta da presença da sexualidade na vida da garotada, não necessariamente de prática sexual”, considera Tito. Na mesma linha de pensamento, Olga diz “que a maioria das adolescentes começou a utilizar as pulseiras do sexo apenas por modismo e não como sinônimo de iniciação sexual”. Mas ambos ressaltaram a importância do papel dos pais nesse momento em que devem alertar os filhos para os riscos, criar limites, além de reforçar valores definidos pela família.

Verônica Lemus  
ver.lemus@gmail.com

“O saber não leva à precocidade, pelo contrário, faz com que a criança assimile aquele conhecimento”

## Proibir é a solução? O que a galera pensa sobre o debate (trechos originais do Orkut)

**T.G.** – Se a pessoa usa, sabe o risco que corre, usa quem quiser, são só pulseiras, e ninguém tem nada a ver com isso. Se estão proibindo as nossas pulseiras coloridas, porque não proibem os colares \$ dos rappers, ou as pulseiras jamaicanas que tb tem significados. É só mais acessório, não tem nada a ver com m... nenhuma que essas m... de pessoas sem cultura falam! que desgraça, EU NÃO VOU PARAR DE USAR!

**J.L.** – muita criança pequena usa essas pulseirinhas, mas nem sabe o que é o JOGO DAS PULSEIRAS, ae podem correr o risco de serem estupradas né :S

**R.** – esses caras que estão proibindo as nossas pulseirinhas não tiveram adolescência. vão tudo se f...!!!!

**J.** – Pow velho...Axo que naum deve ser proibido...

Mais antes de ser vendida deve ser explicado o significado...

Pois acredito que exista pessoas que usem mais naum sabem o significado..

Use qm sabe o q pode acontecer com ela (se tu sabe...que se f...!)

Mais depois que for estuprada...naum va reclamar de ninguem...

Pois vc conhecia os riscos.

**N.** – Semana passada fui em uma loja e vi muitas para vender por apenas 0,99 centavos quase comprei, ia usar uma pulseira tão inocente sem saber a maldade na cabeça dos outros... Beijo e sexo não precisa de pulseira basta a gente estar com a pessoa certa para rolar...

**D.** – Sou a favor da proibição. Muitos adolescentes (não todos) não tem noção das coisas. Eu penso assim. Se uma pessoa usa as pulseiras só por enfeite, ela não tem que participar de “joguinho”. Se uma menina que tiver usando a pulseira preta e você achar ela gostosa e quebrar a pulseira você val obrigar ela a fazer sexo? você é estuprador?? E você, menina, acha que é obrigada a participar desse “joguinho”?

**J.E.** – Eu acho que quem usa é porque que faz. ;) e não tem dessa de que usa só porque é bunitinha --'

**A.** – a maldade esta nos olhos de quem ve 8)

p.s: e no pensamento de quem usa. IUAHSHISUHU



Jogo das PULSEIRAS  
COLORIDAS  
(150.065 membros)

participar  
denunciar abuso

# Sonic, Allejo e Dhalsim estão de volta

Campeonato de games antigos reunirá apaixonados e saudosistas em São José. E esse jogo terá sequência

Antes de Cristiano Ronaldo, havia Allejo. Antes de Counter Strike, havia Contra. E, apesar do que dizem os saudosistas de tempos que nunca existiram, antes de perder horas preciosas com MSN, Orkut e sites pornográficos em lan houses, a molecada não ficava em casa lendo livros ou ia ao quintal do vizinho jogar bola; ia até a locadora para jogar videogame. Era uma época romântica, em que a pirataria e o contrabando não davam conta da demanda que existia por gráficos com pixelagem estourada e lutadores que só se moviam para frente e para trás.

"Eu chegava na locadora antes mesmo de abrir e fazia fila na porta, para ter preferência na hora do aluguel". A frase é de César do Canto Machado Filho, um supervisor de mídia de 30 anos que quer trazer um pouco desse espírito, tão anos 90, para o século 21. Ele é o idealizador e organizador do Viciogame, que além de um trocadilho bastante inteligente, vem a ser o nome de um campeonato de jogos eletrônicos antigos (ver infográfico), programado para acontecer em agosto, em São José (SC).

César prefere o termo "retrô-games", um neologismo aparentemente fora do alcance da reforma ortográfica. Além disso, não acha que MSN e Orkut sejam perda de tempo. "Pode-se chamar de um 'campeonato open source'", didatiza, "pois fiz questão de colocar o Viciogame em todas as redes sociais para receber sugestões de todos os lados". Além dos canais preferidos dos adolescentes fofoqueiros, ele usou Twitter, Facebook, Myspace, LinkedIn e outras menos cotadas para definir o local, os jogos e os formatos de disputa de cada um deles. Os interessados podem dar seus pitacos no regulamento até via Skype.

Foi através de uma twittada que Verônica Abreu Zanuzzo, estudante de publicidade e propaganda de 19 anos de Itapema, descobriu o Viciogame. Ela virá à Grande Florianópolis apenas para participar do evento, mas prevê que a estada não será das mais longas.

"Vai ter muita gente viciada, tenho certeza que vou ser eliminada na primeira rodada". Seu vício particular é Sonic, porco-espinho azul símbolo da Sega, lançado em 1991 - ou seja, eles têm a mesma idade. "Tenho que admitir que jogo os games antigos em consoles modernos ou no computador, através de emuladores", entrega.

Já César prefere Mario, o encanador italiano que defendia o córner da Nintendo na guerra dos 16 bits, travada nos anos 90 entre o Mega Drive e o Super Nes. "Não gostei

quando, muito tempo depois, Mario e Sonic se uniram num game moderno. Preferia vê-los lutar sem estarem juntos na mesma mídia", afirma, lembrando a concorrência que marcou sua juventude e que hoje vê dizimada por questões mercadológicas. Ele também lamenta que os games atuais de futebol tenham deixado de lado as seleções nacionais e foquem em times das ligas europeias, com jogadores reais. Acha minha pergunta sobre qual a melhor dupla de ataque de todos os tempos da seleção brasileira totalmente desprovida de sentido. "Allejo e Gomez deixam Janco Tianno e Rico Salamar no chinelo", afirma convicto. International Superstar Soccer 1, Fifa Soccer 0.

Ele, contudo, diz que nunca foi um grande craque dos gramados virtuais.



César do Canto Machado Filho, organizador do campeonato, mostra sua coleção de consoles

Não se trata de esconder o jogo para o Viciogame, já que César não vai disputar o campeonato. "Acho que, por questões éticas, não devo estar no papel de jogador. Embora esteja morrendo de vontade de participar, não vejo nexo num organizador concorrer ao prêmio que ele mesmo vai dar", teoriza. Um golpe no repórter imaturo que perguntou se os games escolhidos seriam os seus favoritos, para que pudesse ganhar dos adversários facilmente. Os consoles e cartuchos, de qualquer forma, virão todos de sua coleção pessoal.

Tudo começou em 1989 com um Atari. "Pensei que fosse apenas mais um aparelho eletrônico da casa, como um rádio ou uma televisão. Tudo mudou quando vi todos se divertindo e experimentei Decathlon", conta César,

lembrando ainda que havia uma disputa familiar por recordes marcados numa cartolina colada na parede de seu quarto. O jogo, conhecido como o maior destruidor de controles da história dos videogames, deve exigir maquinário reserva para o campeonato de agosto. "Acho que o deixaremos como último game a ser disputado", diz o organizador.

Essa ideia não deve agradar muito a Anderson Costa, 38, técnico em mecânica de Florianópolis. "Vou jogar apenas Decathlon". Embora hoje seja um entusiasta de

jogos do Playstation 3, fala com saudosismo de seu primeiro game, o Telejogo, em 1978, do Atari de 1984 e do clássico Didi Mocó na Mina Encantada, do Odyssey. "Espero que seja um encontro para lembrar um pouco os jogos, fazer amigos e trocar experiências".

## Paixão e nostalgia

Se for assim, Anderson não deve sair desapontado. César quer que o Viciogame seja uma grande confraria, que gere novos eventos e pontos de encontro para os fãs dos games antigos, como a locadora de outrora. "Pessoas com essa necessidade de nostalgia precisam novamente de um lugar. Fico imaginando quanta gente pensa como eu e não tem oportunidade de se encontrar". E vai além: "O campeo-

nato retrô-games procura não apenas reunir, mas recordar uma ideologia que não deve ser esquecida, já que há muito preconceito contra os videogames, como se fosse coisa de criança ou desocupado". Ele quer ver a volta de debates em mesas de bar, de clubes especializados e de revistas que façam jornalismo de verdade a respeito de sua paixão.

E é por ela que César se diz movido a realizar o Viciogame, já que não espera obter lucro nessa primeira edição. O objetivo é de fortalecer a marca e caminhar para algo maior. "Muita coisa está por vir e não vou descansar enquanto não conseguir concentrar tudo o que envolve jogos retrô em um único local". Ainda assim, há um plano de mídia completo que vem sendo oferecido a patrocinadores e uma seção de doações no site do evento. "Tenho certeza que daremos um ótimo retorno para quem acreditar num evento inédito como este", defende.

Quem vier a apoiar o Viciogame estará investindo num sujeito que realmente entende do assunto. Ou, pelo menos, tem opiniões fortes sobre as diferenças entre os games antigos e os modernos. "Os videogames, desde o princípio, vêm com dois controles exatamente porque jogar perante a aleatoriedade de um ser humano sempre vai ser mais divertido que qualquer inteligência artificial programada", analisa, para em seguida dar o tom de retorno à infância que permeia a coisa toda. "Além disso, nada substitui as besteiras que são ditas, as discussões que aparecem as disputas acirradas e os desafios vencidos em conjunto. Os videogames me fazem tão bem que me divirto somente olhando outras pessoas jogarem!". E aí, que tal desafiar um apaixonado como esse para uma partida de Street Fighter? O lado positivo é que o lutador preferido dele é o Dhalsim.

Bruno Volpato

bruno.volpato@zero.ufsc.br

## Jogos e consoles do Viciogame

### Atari

Lançamento: 1977

Jogos no campeonato: Decathlon, Enduro, Freeway, Pitfall, Pac Man, River Raid, Megamania e H.E.R.O.



### Master System

Lançamento: 1985

Jogos no campeonato: Jogos de Verão e Hang On



### Super Nintendo

Lançamento: 1990

Jogos no campeonato: Super Bomberman, F-Zero, Hyper Volleyball, Super Mario Kart, NBA Jam, Rock n Roll Racing, Side Pocket, Street Fighter 2, International Superstar Soccer, Wacky Sports, Mortal Kombat, Fatal Fury, Nigel Mansell, Super Tennis e Top Gear



### Nintendo

Lançamento: 1983

Jogo no campeonato: Super Mario Bros



### Mega Drive

Lançamento: 1988

Jogos no campeonato: Sonic, Road Rash, OutRun e Super Monaco GP



Arte: Joice Balboa



## Serviço:

**O que:** Viciogame - Campeonato Retrô Games

**Onde:** Shopping Ideal - São José, SC

**Quando:** 8 de agosto de 2010

**Quanto:** R\$ 2,00 por jogo ou R\$ 25,00 completo

**Prêmios:** 1 PSP para o campeão geral e troféus para o vencedor de cada jogo

**Site:** www.viciogame.com.br

ZERO

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

# Da publicidade para o mundo das artes

Com 13 anos de carreira, as pinturas de Luciano Martins representam o Estado com seu estilo figurativo-pop-lúdico

Torcedor do Internacional e fã de churrasco, Luciano Martins está catalogado no MASC – Museu de Arte de Santa Catarina – como artista catarinense. “Todo mundo acha que eu sou daqui. Na verdade, sou gaúcho, mas eu aceito carinhosamente o título de artista catarinense, porque eu sempre falo que o artista nasceu aqui. Eu cresci desenhando, achava que seria cartunista, mas no meio do caminho me tornei publicitário e exerci a profissão por 20 anos”.

Isto porque ele veio para a Ilha, em 1994, trabalhar em uma agência de publicidade como diretor de arte. Tudo começou a mudar no dia em que estava fazendo uma campanha e trocou os computadores por pincéis. O resultado foi uma obra – que misturava pintura, colagem e lápis pastel – transformada em cartaz, que foi exposto na galeria da Beatriz Telles. “Fui conversar com ela, mas ela disse que só trabalhava com pintura. Foi o start”. Então, em 1997, com 31 anos, Luciano começou a carreira de artista paralelamente com a de publicitário e levou as duas juntas por 10 anos. “Um trabalho começou a sobrepôr o outro e foi meu sócio que me incentivou a seguir a carreira. A publicidade me deu base para enxergar que minha arte pode virar produto, que é o que está acontecendo agora”.

Há três anos, ele inaugurou a galeria LM, na Lagoa da Conceição. São dois andares repletos por suas figuras características, de formas redondas, suaves, cores alegres, que trazem um olhar diferente e engraçado da realidade. O andar de cima é o ateliê que, em meio a telas, tintas, esboços e ideias, guarda uma relíquia: o primeiro quadro, *O Homem de Cabeça Azul*. “Esse é o único quadro que não vendo, tipo a moedinha do Tio Patinhas”. A mudança de estilo é visível. Mesmo que a primeira obra já tivesse um personagem, herança do lado cartunista, e muitas cores, as formas eram mais pesadas. “Meu estilo sempre foi figurativo. Fui adocicando e arredondando meus personagens ao longo dos anos”. E para definir o próprio

**“Acho que devo bastante a essa cidade. Foi aqui que me realizei profissionalmente”**



*O Homem de Cabeça Azul*, sua primeira tela

estilo, ele para, pensa e conta que, uma vez, um francês visitou a galeria, olhou para os quadros e disse: ‘nouvelle figuration’, e concorda. “É figuração. Eu chamaria de um figurativo pop, que navega em um universo lúdico. Figurativo-pop-lúdico, vamos chamar assim?”

Quanto a ser tachado de comercial por algumas pessoas, Luciano diz não se importar. Com ar despreocupado, presente também na maneira de se vestir – camiseta, calça jeans, havaianas – ele explica que, como se propõe a viver de arte, precisa vender, “mas não estou preso a nada, a não ser às coisas que acredito”.

Luciano gosta de fazer releituras de artistas com quem se identifica, entre eles Picasso e Van Gogh, mas sua inspiração vem de sua própria vida, como viagens, que renderam as exposições *Paris dos meus olhos*, *A Itália dos meus olhos* e *Amsterdã dos meus olhos*. Hoje, a maior parte do seu trabalho é de encomendas, principalmente para pintar famílias. Um quadro de 1 m<sup>2</sup> custa, em média, 4 mil reais. “Não quer dizer que um de 2 metros vá custar 8 mil. É um ponto de partida. Tem quadros que seguem outro caminho. *A Coco Chanel* é um pequeno quadro que vale 6 mil reais”.



*Coco Chanel*, obra está avaliada em R\$ 6 mil

Como a pintura virou sustento, seu principal hobby, hoje em dia, é pintar livre. No chão do ateliê, um quadro de São Francisco, contemporâneo, com cachocol e gorro – “me dei se presente. Fiz em uma manhã de sábado”. Ele costumava a pintar à noite, mas isto ficou mais difícil, depois da inauguração em dezembro de 2009, com mais quatro sócios, da temakeria *Nomuro* na área externa da galeria.

Além de famosos, a galeria LM recebe visita de estudantes de várias partes do país. “O que faço é realmente abrir as portas, receber. Eu ofereço para as crianças um encontro com o artista, uma vivência, coisa que sempre quis ter e nunca tive oportunidade”. Isto o fez perceber que pode fazer mais. O plano é abrir uma escola de arte. “Pode até anotar, se não sair agora, uma hora sai”. O projeto é reunir tudo em um só lugar: um ateliê, uma galeria, uma loja com novos produtos e uma escola de arte que, apesar de ter fins lucrativos, trabalhará com projetos sociais. “Eu já tento fazer isso em outras áreas, às vezes não tenho tempo para participar de projetos, mas volta e meia eu empresto uma obra pra leilão. É o que mais faço. Acho que devo bastante a essa cidade. Foi aqui que me realizei profissionalmente, é aqui que minha vida está dando certo”. Além do sucesso profissional, Luciano tem mais dois motivos para amar a ilha: Aline, 13 anos, e Júlia, 9 anos, suas filhas, representadas por duas estrelas tatuadas no braço direito.



Depois da Galeria LM e da temakeria, Luciano pretende abrir uma escola de arte este ano

O fato é que a obra de Luciano está sendo cada vez mais associada à cidade. Ele foi convidado para estampar o *Floripa by Bus* e também faz um trabalho com o *Convention Bureau* daqui – os estandes de Florianópolis em todas as grandes feiras de turismo do mundo são com as obras dele, como a tainha, a bruxa e o Pequeno Príncipe. Também foi convidado para ser o artista âncora da primeira edição da *CowParade Santa Catarina*, que acontece a partir de outubro. É a maior exposição de arte de rua do mundo, em que artistas plásticos, arquitetos e pintores são chamados para customizar vacas de fibra de vidro que ficam em exibição nas ruas por alguns meses e vão a leilão. O evento acontece desde 1999 e já passou por mais de 50 cidades do mundo.

Ao falar de planos, Luciano é otimista e não hesita em contar mesmo o que ainda não é certeza. Ele acredita nos projetos. Um deles é que Florianópolis está na disputa com China e Ceará para ser sambanredo da Escola de Samba carioca Beija

Flor de Nilópolis no carnaval de 2011. Ao que tudo indica, a ilha será a escolhida. “O presidente da Escola veio para cá e quis conhecer ‘o artista que representa a cidade’. Eles viram meu trabalho e quiseram minha ajuda”. Já foi fechado um contrato de televisionamento do carnaval com a China, que vai atingir 1 bilhão e 200 mil pessoas. “Imagina para nossa cidade, cuja vocação é o turismo, estar na *Globo* durante uma hora e meia?”

Todas as histórias serão partes de um futuro livro, que talvez saia esse ano, sobre os dez primeiros anos de Luciano Martins. “Penso em um livro muito mais gráfico do que histórico, juntando desenhos que fiz em guardanapos, papéis, e contando as histórias relacionadas”. Este livro tem tudo para ter mais de um volume. Além do talento, sensibilidade e empreendedorismo, Luciano tem outro segredo: a paixão pelas coisas nas quais acredita.

Ana Clara Montez  
anaclaramontez@zero.ufsc.br

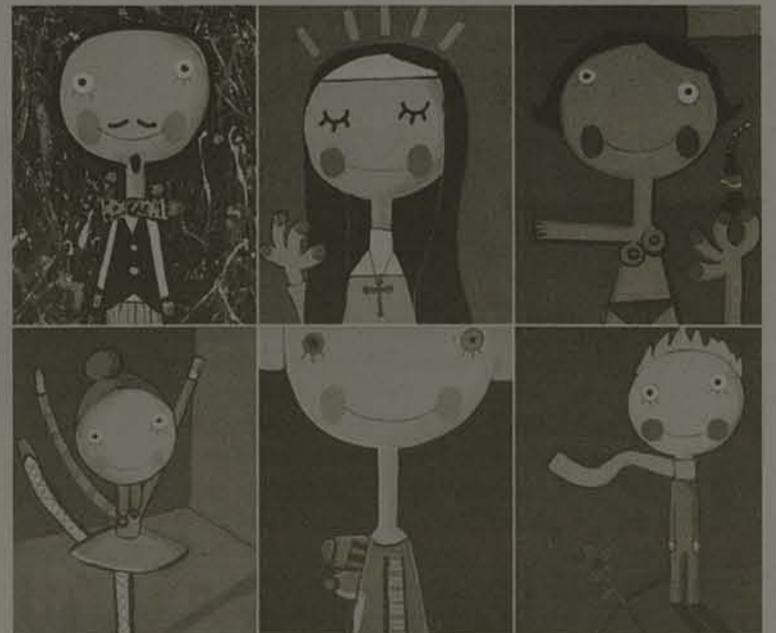
## Santa Catarina dos meus olhos, primeira mostra no exterior

Se o artista plástico Luciano Martins escrever um livro – o que é um projeto – um capítulo será dedicado à exposição em Paris, sua segunda paixão depois de Florianópolis. A história começa quando ele foi convidado para expor no Café do MARGS, Museu de Arte do Rio Grande do Sul, em 2007. “Eu entrei pela porta de trás de um grande museu. Eu levei uma exposição desprezível, dos gatos, chamada *Minhas Sete Vidas*. Ela chamou a atenção do diretor do museu na época, Paulo Amaral, que quis conhecer Luciano. “Estava tendo uma exposição importante no Museu, e o diretor disse que eu podia colocar um banner meu lá fora, do mesmo tamanho do outro”. Paulo gostou tanto das obras, que chamou Luciano para expor em Paris, na Galerie D’art François Mansart, da qual ele era representante e todo ano levava um artista brasileiro.

Quando as pessoas souberam disso, começaram a se interessar pelos quadros antes mesmo de eles existirem. “Eu vendi toda a exposição antes de ter pintado”. A mostra *Santa Catarina dos meus olhos* foi em maio do mesmo ano, mas o artista não calculou que seria

logo após o feriado de posse do presidente Sarkozy. “Eu não conseguia tirar as obras da alfândega, mesmo com o embaixador do Brasil na França me ajudando. “No dia da inauguração, depois do almoço eu fui pro hotel desenhar, montei uma exposição de desenhos – o que Luciano considera melhor do que sua pintura – e à noite apresentei isso. Muitas pessoas acharam que aquela era a exposição e gostaram muito”. Resultado: ele vendeu as duas exposições, todos os desenhos e quadros.

Apesar do sucesso, Luciano agora busca exposições em lugares onde ele possa deixar uma semente, como aconteceu em Portugal. Em novembro de 2008, ele levou a mostra *Brasil dos meus olhos* para a Fundação Dr. António Cupertino de Miranda, na Cidade do Porto. “Ela me representa, os quadros continuam lá, continuam vendendo”. As obras do artista atualmente são vendidas em outros países como Itália, Alemanha, Portugal, França, Inglaterra, Espanha, Suíça, Polônia, Finlândia, Israel, Canadá, Estados Unidos, Marrocos, México, Senegal e Argentina. (A.C.M.)



# Gonzaga, o plantão de Santa Catarina!

Na retaguarda das transmissões, radialista trabalha até treze horas nos dias de grandes jogos em Florianópolis

Por volta das sete da manhã, Luiz Gonzaga Cardoso Francisco, 51 anos, chega aos estúdios da rádio CBN/Diário em Florianópolis, seu local de trabalho desde janeiro de 1998. Veste uma camisa de um laranja desbotado enfiada na calça jeans, crachá e uns óculos de lentes escurecidas. O plantonista esportivo oficial da emissora se encaminha para o cômodo onde permanecerá pelas próximas treze horas, com raras saídas.

Na noite anterior, acordou mais de uma vez pensando nas pendências do seu trabalho de síndico no Residencial Kaynara, no bairro Estreito, em Florianópolis. Preocupava-se também com a possibilidade do alarme do celular não despertá-lo às seis da manhã para os compromissos do dia 18 de abril, domingo de Avaí e Figueirense.

Seu primeiro serviço do dia, a partir das oito horas, é a apresentação do Domingo Esportivo, programa especial sobre a partida que decidirá o título do retorno do Campeonato Catarinense no final da tarde. "Que clima! Que dia! A cidade respira o clássico neste domingo!", anuncia o Temgol, apelido dado pelos colegas devido ao bordão utilizado no ofício de interromper as narrações para dar outros resultados.

Luiz Gonzaga, quando não atualiza o ouvinte com placares, gosta de ficar em casa. Não cozinha o que normalmente come – arroz ou macarrão, às vezes, feijão, salada, bife ou frango. Bebe cerveja e refrigerante, mas prefere mesmo suco natural de manga, limão ou casca de pepino. Sai todas às quartas-feiras de manhã para ir até a Igreja Balneário, no Estreito, ensinar a 1ª Eucaristia a 20 crianças, com média de idade de 9 anos. Considera-se bastante religioso.

Manhã de sol para a 391ª partida entre os rivais da capital, marcada para as quatro da tarde. O radialista chama o quinto ouvinte: "Grande Gonzaga! Gosto muito do seu trabalho, mas às vezes fico com raiva de você, viu?", reclama um cruzeirense sobre a omissão de resultados de Minas durante as transmissões da emissora. "A gente procura seguir os jogos principais, de maior interesse dos ouvintes daqui, nesta ordem: Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná e Minas Gerais", justifica Gonzaga, que conduz o Domingo Esportivo até às 10h21, quando passa a assumir sua função principal.

Do Estádio da Ressacada, quase ao meio dia, o apresentador Renato Igor solta a música *Billie Jean*, de Michael Jackson, ao chamar o plantão da CBN/Diário. "Essa é dos tempos em que o Gonzaga era DJ lá em Criciúma", brinca o jornalista. Podia até ensaiar uns passos de *moonwalk*, mas Luiz Gonzaga era mesmo bancário. Durante mais de dez anos foi caixa e supervisor do Bradesco, em Criciúma.

Das movimentações financeiras durante a tarde para o microfone à noite. Assim foi sua rotina de 1982 até 1990, ano da demissão do banco e no qual passou a desempenhar integralmente o trabalho de repórter, plantão e coordenação na equipe de esportes da Rádio Eldorado. Ano que marcou também as bodas de uma década de casamento com Maria Saete, sua esposa até hoje e mãe de seus três filhos - Alisson, Lucas e Davi, 25, 21 e 15 anos, respectivamente. O primeiro segue os passos do pai. É setorista do Avaí pela Rádio Guarujá, também de Florianópolis. Já o do meio estuda Administração e o caçula está no 2º ano do Ensino Médio.

Falta pouco mais de uma hora para o jogo que definirá o adversário do Joinville na final do 84º Catarinense. Gonzaga já entrou no ar cinco vezes durante os programas esportivos da tarde. Informações dos campeonatos gaúcho, paranaense, carioca, paulista, mineiro, baiano, pernambucano, cearense e goiano. Resultados da Fórmula 1, Liga Nacional de Vôlei, feminino e masculino, e Futsal masculino, além do Novo Basquete Brasil.

Um técnico de áudio entra com fones de ouvido e os conecta na mesa do estúdio. O plantonista agora tem tudo o que precisa para executar seu trabalho no decorrer da partida – áudio da CBN/Diário no estúdio, fones sintonizados em uma rádio de outro estado, três televisores no canto da sala e um computador com internet a sua esquerda, na mesa. Completam o cenário um telefone, um dispositivo que o coloca no ar direto, um calhamaço de papel onde anota os gols que vão saindo ao longo da transmissão e uma agenda com folhas amareladas e várias soltas, onde telefones e nomes se acumulam desde a sua chegada na emissora.

"Tem gol!", avisa o plantonista após uma cobrança de pênalti na final da Taça Rio, já no segundo tempo. O locutor do clássico Salles Júnior espera a bola rolar no meio de campo e chama "Luiz Gonzaga! O plantão de Santa Catarina!". Gonzaga se aproxima do microfone com os cotovelos apoiados na mesa, aperta a tecla *on* do dispositivo e passa a informação com a voz empostada. Ainda no ar, sai um gol na final da Taça Fábio Koff, em Porto Alegre, que entra no registro do radialista de imediato, naturalmente.

Do apito inicial ao final, Gonzaga fica na mesma posição – sentado, com cotovelos na mesa e olhar fixo no canto da sala. Os gols que vão saindo são anotados à caneta, um em cima do outro,



Marcone Tavella

Há 28 anos no rádio, plantonista faz a atualização dos outros resultados esportivos da jornada

no calhamaço cheio de rasuras. Não bebe água em momento algum no decorrer da partida. Sua expressão séria, de sobrancelhas altas e olhos caídos, chega a passar um ar de tristeza.

Talvez Gonzaga esteja cansado. Faz uma hora que a partida terminou, com o placar de 1 a 1 e título para o Avaí. Seguem os trabalhos na Ressacada – as comemorações, informações de trânsito, os torcedores são entrevistados, os comentaristas repercutem o jogo, discutem lances polêmicos, fazem projeções para a final do campeonato e elegem os melhores e piores em campo. Enquanto espera ser chamado, o plantonista enfim se levanta, caminha até a copa da

emissora, come uma fatia de melancia e volta para o estúdio com quatro pastéis e um copo de refrigerante.

Sua participação final do dia é a apresentação do programa Toque Final, com duração de 25 minutos. Ficha técnica do clássico, informações das duas equipes e mais 18 resultados de 12 competições em cinco modalidades esportivas. No final, às 20h38, Gonzaga encerra sem se despedir da audiência. Descuido de quem ainda tem que gravar áudios que serão usados na segunda-feira, dia de folga.

Marcone Tavella

marconetavella@zero.ufsc.br



Mariana Porto

Programa Copa e Cozinha é resultado do aumento na audiência, gerada pela cobertura que alia tradição com humor

## Irreverência com informação é aposta no FM

A partida final do Campeonato Catarinense, entre Avaí e Joinville, realizada no dia 2 de maio, começou movimentada no Estádio da Ressacada. O locutor esportivo da Band FM, Sérgio Murilo, acompanhado dos comentaristas Claudionir Miranda e Flávio Roberto, narra cinco escanteios em menos de sete minutos de jogo. No campo, os repórteres Clayton Ramos e Evaldo Luiz descrevem as jogadas das duas equipes, trazendo informações. Com quatro minutos, o plantonista esportivo Flávio Ricardo anuncia gol no Campeonato Paulista.

Aos oito, Sérgio Murilo chama o quadro Laptop da Band, feito por Adriana Melo. Com uma música ritmada ao fundo, a radialista lê os palpites dos ouvintes, frases de incentivo ao time da casa e um abraço pro Mané. O personagem que, juntamente com o Gaudério, é responsável pelo humor da transmissão, retribui ao pedido com o sotaque característico dos ilhéus. Momentos depois, outra mulher da equipe é acionada a trabalhar: Priscilla Barbi entrevista um torcedor na arquibancada, no Mulheres na Geral.

O modo tradicional de fazer rádio em transmissões esportivas, acrescido de mais interatividade, humor e desconcentração são os ingredientes que o Futebol Show da Band usa desde 4 de março de 2007. "Mesmo com a bola rolando, além do recado, sai também uma piadinha. Com este formato, ouve quem entende de futebol e ouve também quem não gosta tanto assim", acredita Claudionir Miranda, que alterna com Murilo na locução dos jogos dos times de Florianópolis.

Dados do Ibope Easy Media mostram que a audiência da rádio sobe durante as partidas. De 25,1% salta para 29,81%, em média. E com os resultados positivos a equipe vem ganhando espaço na programação com outros programas, como é o caso do Copa e Cozinha, lançado na metade de abril. Com a temática esportiva, o *talk show* é apresentado por Márcio Linhares e conta com a participação dos narradores, comentaristas, repórteres, do plantonista e os personagens Mané e Gaudério, considerados por Claudionir Miranda "o molho que faltava na equipe da Band". (M.T.)

# Milhares de fiéis buscam cura divina

“Dia D” reúne entre 60 e 100 mil evangélicos no Largo da Alfândega; Universal calcula 10 milhões pelo país

Na tarde chuvosa do feriado de Tiradentes, diante de milhares de pessoas reunidas no Largo da Alfândega, um músico cristão anuncia sua nova canção e começa a executá-la, quando surge a imagem de um homem nos telões que silencia o cântico e a multidão. Trata-se de Edir Macedo, fundador da Igreja Universal e proprietário de uma rede de TV, falando ao vivo de Londres para fiéis reunidos nos 26 estados e Distrito Federal brasileiros. Macedo, fazendo referência a uma passagem da Bíblia, diz que Deus estaria presente ali - e que Ele não poderia se dar ao luxo de falhar. Era o que esperavam ouvir os fiéis, vindos de todo o estado, que formavam uma massa que ia até o

terminal Cidade de Florianópolis. Eles buscavam a cura prometida de doenças tidas como incuráveis pela ciência médica atual, como Aids e cânceres.

A Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd), igreja evangélica neopentecostal criada na década de 70, crê que as doenças e os males do homem são reflexo também da atuação de “demônios”, entidades espirituais malignas. Para que a cura seja feita, os pastores se dirigem às entidades, mandando-as se manifestarem, para depois expulsá-las “em nome de Jesus”. Alguns fiéis chegam a gritar e debaterem-se, dando a entender que o espírito maligno estaria controlando as ações dessas pessoas. Para a professora de Teologia

Alexandra Albano, esses rituais são reflexo de uma fé que une elementos da religião cristã com outras crenças, inclusive com a Umbanda, apontada por Macedo como demoníaca. Essa miscigenação acontece no Brasil também em outras religiões, graças à tolerância da nossa cultura. “A Iurd conseguiu muito bem juntar esses vários discursos tão familiares à nossa cultura indígena, africana e portuguesa. Assim, a cura via mecanismos mágicos sempre esteve presente no imaginário simbólico dos brasileiros”, afirma. A Iurd tem templos espalhados por todo o Brasil e em outros 70 países, e calcula que cerca de 10 milhões de pessoas se reuniram no “Dia D”.



Os organizadores distribuíram panfletos e convidaram os fiéis a exibí-los para honrar Jesus



À esquerda, bispo Odivan pede ao público para estender as mãos em sua direção e clama por Jesus para exorcizar rapaz; à direita e acima, consagração das ofertas em dinheiro; no canto inferior, fiéis em momento de oração, clamando por ajuda divina e curas



Foi pela fé que os membros da Iurd de Xanxerê, no oeste do estado, enfrentaram cerca de nove horas de estrada para chegarem à capital. Os seis ônibus usados no transporte perdiam-se em meio a centenas estacionados no sambódromo ou na região próxima ao Ticen. A comitiva de Xanxerê permanecia próxima a uma placa indicando o nome da caravana, para facilitar a organização na hora da saída. O pastor Mauro disse que o grupo só estava esperando a oração de cura para rumar de volta para casa. Após a oração, o bispo Odivan Pagnocelli convida tanto aqueles que foram exorcizados como os que foram curados para dar seus testemunhos. “Pergunta para eles quanto que a gente pagou para eles fingirem aqui”, desafia após entrevistar pessoas enquanto possuídas (ou o demônio que falava através delas) e exorcizá-las em frente a uma multidão silenciosa. Um dos garotos de pé à

frente apresentava os olhos em posição incomum, como se olhasse pra dentro da própria cabeça, o que lhe rendeu um close facial das câmeras de TV que alimentavam os telões. O bispo acompanhava pessoas que diziam não poder andar em uma caminhada em cima do palco, convidando-as a saltitar e bater os pés no chão, demonstrando boa saúde. Uma fiel, vinda de Itajaí, que se mostrou endemoniada perto de uma repórter do ZERO, revelou a ela ter se sentido melhor após a oração de uma pastora, que impôs as mãos sobre sua cabeça. Em sinal de libertação de seus ex-donos, duas muletas foram quebradas por Odivan, em meio a uma chuva de aplausos. Este repórter permanece cético: chegou bem e saiu com dor de cabeça e nas costas, talvez por causa de cansaço e do café, mas com dores.

Felipe Machado  
felipemachado@zero.ufsc.br



Pessoas que estavam possuídas relatam como se sentem após exorcismo no palco; o bispo desafia os presentes a perguntá-los se a igreja pagou para que fizessem uma encenação



“Pastores” e “obreiros” oravam em meio à multidão, orientados a dar atenção especial aos que se sentissem mal ou caíssem



Enquanto membros da igreja da capital faziam a limpeza, fiéis organizavam as caravanas para a volta

ZERO